

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação  
Curso de Biblioteconomia

Letícia Pereira de Souza

**As percepções dos pesquisadores em Ciência da Informação a respeito do  
sistema de recompensa na ciência e suas disparidades**

Porto Alegre  
2021

Letícia Pereira de Souza

**As percepções dos pesquisadores em Ciência da Informação a respeito do sistema de recompensa na ciência e suas disparidades**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de bacharela em Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.  
Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa

Porto Alegre

2021

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Reitor: Prof. Dr. Carlos André Bulhões

Vice-reitora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patricia Pranke

**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

Diretora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice-Diretora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vera Regina Schmitz

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

Chefe: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Chefe Substituta: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Samile Andréa de Souza Vanz

**COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DE BIBLIOTECONOMIA**

Coordenadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Lucia Dias

Coordenadora Substituta: Prof<sup>a</sup>. Me. Helen Rose Flores de Flores

CIP - Catalogação na Publicação

Souza, Letícia Pereira de

As percepções dos pesquisadores em Ciência da Informação à respeito do sistema de recompensa na ciência e suas disparidades / Letícia Pereira de Souza. -- 2021.

71 f.

Orientador: Rodrigo Silva Caxias de Sousa.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Sistema de recompensa na ciência. 2. Produtivismo. 3. Gênero. 4. Raça. 5. Produção científica. I. Sousa, Rodrigo Silva Caxias de, orient.  
II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Rua Ramiro Barcelos, 2705, Bairro Santana, Porto Alegre, RS

CEP: 90035-007

Telefone: (51) 3316-5067

E-mail: fabico@ufrgs.br

Letícia Pereira de Souza

**As percepções dos pesquisadores em Ciência da Informação a respeito do sistema de recompensa na ciência e suas disparidades**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de bacharela em Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.  
Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa

**Aprovada em:** Porto Alegre, 17 de novembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

---

Orientador - Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dr. Jackson da Silva Medeiros  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Mestre Patrícia Valerim  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à minha família, especialmente à minha mãe, Marta, ao meu pai, Jorge e ao meu irmão, Júlio César, por serem a minha base, por me concederem todo apoio e condições para que fosse possível chegar até aqui e por todo amor e carinho que nunca me faltaram. Sem vocês nada seria possível.

Aos meus amigos, em especial à Morgana, à Clarissa, e ao André, cujo acolhimento e compreensão sempre foram fundamentais a todo momento, dentro e fora da Universidade, agradeço imensamente por me proporcionarem momentos de alegria, por ouvirem meus desabafos, e por segurarem todas as demais barras junto comigo.

Ao meu amor, Richard Peres, meu parceiro, minha dupla, que sempre acreditou em mim e suportou os piores e melhores dias ao meu lado. Sou muito grata por todo carinho e toda compreensão, por sempre me incentivar, por não medir esforços pra me fazer sorrir e por me amar e me apoiar incondicionalmente.

Ao meu orientador, Rodrigo Caxias, com quem aprendi e evoluí muito durante a construção desse trabalho, agradeço imensamente pela paciência, pelo apoio e por todas as conversas edificantes que tivemos durante esse período.

À Molly, Meg, Titas e Kiara. Sem vocês meus dias não seriam tão amáveis, obrigada por tornarem tudo mais leve e pelo amor recíproco.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que me propiciou uma formação de excelência através da educação pública e de qualidade, a qual se configura como um importante pilar no desenvolvimento do nosso país, e que deve ser defendida incansavelmente para que mais pessoas possam ter acesso, não como um privilégio de alguns, mas como um direito de todos.

## RESUMO

O presente estudo interpreta as percepções acerca do sistema de recompensa na ciência e das disparidades em relação ao gênero e a raça no tocante ao capital científico por docentes e discentes dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil, temática que se insere no espectro de estudo do campo científico. O estudo exploratório-descritivo utilizou a abordagem quanti-qualitativa, e se dedicou, no primeiro momento, a problematizar a incidência da lógica de mercado capitalista em relação à produção científica e abordou o funcionamento do sistema de recompensa na ciência e sua relação com a prática científica. Desse modo, foi possível discutir a lógica de mercado na ciência, as implicações do produtivismo no campo científico e sua articulação com o sistema de recompensa. Posteriormente, através do questionário com perguntas abertas e fechadas, foi possível caracterizar o perfil dos pesquisadores, analisar suas percepções em relação ao sistema de recompensa na ciência e ao produtivismo e compreender como percebem questões relacionadas às disparidades de gênero e raça na ciência e suas implicações na produção científica.

**Palavras-chave:** Sistema de recompensa na ciência. Produtivismo. Gênero. Raça. Produção científica.

## **ABSTRACT**

The present study identifies the perceptions about the academic reward system in science and discusses gender and race disparities between students and professors of postgraduate programs in Information Science in Brazil, regarding the science capital. This topic falls within the spectrum of study in the scientific field, relying on the social paradigm of Information Science. In this exploratory-descriptive study was used the quanti-qualitative approach. In the first moment, this work questioned the incidence of the capitalist market logic relating to scientific production and it discussed the functioning of the academic reward system in science and its relation with practice scientific. Thus was possible to discuss the market logic in science, the implications of productivism in the scientific field, and its articulation with the academic reward system. Afterwards, through the questionnaire with open and closed questions, it was possible to characterize the profile of the researchers, analyze their perceptions in relation to the academic reward system in the science field and productivism, and understand how they perceive issues related to gender and race disparities in the science field and their implications in scientific production.

**Keywords:** Academic reward system. Productivism. Gender. Race. Scientific production.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

Figura 1 -	<i>Print</i> de tela do quadro apresentado pelo Censo da Educação Superior do INEP, 2019.....	25
Figura 2 -	Nuvem de palavras, produtividade e sistema de recompensa.....	42
Figura 3 -	Nuvem de palavras disparidade de gênero.....	48
Figura 4 -	Nuvem de palavras disparidade de gênero e raça na produção científica.....	57

### QUADROS

Quadro 1 -	Relação das buscas bibliográficas nas bases de dados correspondentes.....	33
------------	---	----

### GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Faixa etária dos pesquisadores.....	36
Gráfico 2 -	Autodeclaração de Raça/Etnia dos pesquisadores.....	37
Gráfico 3 -	Nível de formação dos pesquisadores.....	38
Gráfico 4 -	Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação.....	39
Gráfico 5 -	Percepção dos pesquisadores sobre o nível de importância das formas de reconhecimento acadêmico.....	40
Gráfico 6 -	Motivações para produzir trabalhos acadêmicos.....	41
Gráfico 7 -	Com que frequência as disparidades acontecem no meio acadêmico.....	55



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Lógica produtivista e sistema de recompensa.....	43
Tabela 2 – Disparidade de gênero em relação à produtividade .....	49
Tabela 3 – Disparidades de gênero e raça.....	53
Tabela 4 – Com que frequência as disparidades acontecem no meio acadêmico....	56
Tabela 5 - Fatores intervenientes em relação a produção científica no que concerne gênero e raça .....	58

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA .....	12
1.2 OBJETIVO GERAL.....	13
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	13
1.4 JUSTIFICATIVA .....	13
<b>2 ASPECTOS TEÓRICO-CONCEITUAIS.....</b>	<b>14</b>
2.1 SISTEMA DE RECOMPENSA NA CIÊNCIA.....	14
2.2 CAMPO CIENTÍFICO: CONCEITOS E ASPECTOS DA SUA DINÂMICA .....	16
2.3 MERCANTILIZAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E PRODUTIVISMO .....	20
2.4 ACESSO AO CAPITAL CIENTÍFICO: DISPARIDADES E PERSPECTIVAS EM RELAÇÃO A GÊNERO E RAÇA .....	23
2.5 ESTUDOS PERTINENTES .....	27
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>32</b>
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>35</b>
4.1 PERFIL DOS PESQUISADORES .....	35
4.2 PERSPECTIVA DOS PESQUISADORES.....	39
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>62</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Dentre os diversos processos que dizem respeito à informação, a produção e comunicação do conhecimento científico se constituem como temas de interesse da Ciência da Informação (CI) em virtude de ser a área que se preocupa em compreender a estrutura dos processos e sistemas de comunicação, e da produção científica, além dos tipos de publicação, suas características e formas de divulgação.

Não obstante, questões que circundam as práticas científicas e refletem na produção do conhecimento merecem destaque, uma vez que tais condições presentes no meio acadêmico afetam diretamente os pesquisadores e são responsáveis por ditar o ritmo de desenvolvimento das pesquisas. Algumas dessas importantes questões estão ligadas ao sistema de recompensa na ciência e ao produtivismo, fenômenos que são estudados por diferentes autores por conta da sua relevância no âmbito acadêmico. (MERTON, 1973; BOURDIEU, 1976; CRONIN; SHAW, 2002; GODOI; XAVIER, 2012; TULESKI, 2012; KJELLBERG; HAIDER, 2019)

O presente estudo possui como foco compreender as percepções dos pesquisadores acerca do sistema de recompensa na ciência, questão que se complexifica ao aproximarmos da discussão a perspectiva de campo científico (BOURDIEU, 2004), tendo por referência o paradigma social da Ciência da Informação (CAPURRO, 2003). Tal investigação é relevante para a área porque problematiza um fenômeno que se relaciona com a produção científica, uma vez que a quantidade e qualidade dessa produção passa a ser um dos principais indicadores para que o pesquisador se consagre no meio acadêmico.

Merece destaque o fato de que estudos precedentes sobre recompensa na Ciência vêm sendo desenvolvidos por diversos autores, desde a observação inicial do fenômeno até as considerações na atualidade. (BAYER; ASTIN, 1975; MERTON, 1973; BOURDIEU, 1976; CHOU, 1992; POSNER, 2000; CRONIN; SHAW, 2002; KJELLBERG; HAIDER, 2019).

No presente trabalho optamos por utilizar a noção de “campo científico” de Bourdieu (1976) para referirmo-nos ao meio em que os cientistas se inserem, dentro do qual ocorrem conflitos e estratégias que intencionam a obtenção de crédito científico e acumulação de capital simbólico. Dessa forma, problematizamos o

surgimento de um mercado científico dentro do campo científico, no qual existe uma concorrência desigual entre os indivíduos.

O estudo aborda diferentes formas de acúmulo de capital científico, sendo as recompensas acadêmicas, objeto de estudo dessa pesquisa, as maiores atribuidoras de prestígio e reconhecimento aos pesquisadores no campo científico. Contudo, o acesso a essas recompensas e a obtenção de capital científico dependem principalmente, dentre outras coisas, da produtividade dos pesquisadores, o que gera uma espécie de competição, e desvela disparidades latentes em relação à gênero e raça dentro da academia, fatores que serão arrolados ao longo do texto.

Não obstante, outras implicações do sistema de recompensa na ciência serão apresentadas, como a incidência da lógica de mercado sobre a ciência e o produtivismo, para que possamos compreender de que modo essas questões são percebidas pelos pesquisadores da Ciência da Informação. Além disso, aspectos relativos a questões de gênero e raça, balizadores da lógica do capitalismo tais como as determinações de gênero e questões ligadas à branquitude<sup>1</sup> fazem parte da discussão que pretende problematizar as disparidades na ciência. Sendo assim, abordamos questões sociais que são reproduzidas no meio acadêmico, tal como o racismo estrutural, que não apenas afasta negros, pardos e indígenas da academia, como também desvaloriza o conhecimento produzido por e sobre esses grupos. (ARAÚJO; MAESO, 2019; ALMEIDA, 2021)

## 1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

A partir do que foi exposto anteriormente, foi suscitada a seguinte indagação: "quais as percepções dos pesquisadores da Ciência da Informação, a respeito do sistema de recompensa na ciência e das disparidades em relação ao gênero e a raça (etnia) no meio acadêmico, no tocante à produção científica?"

---

<sup>1</sup> A branquitude refere-se à identidade racial branca, a branquitude se constrói. A branquitude é um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos, objetivo, isto é, materiais palpáveis que colaboram para construção social e reprodução do preconceito racial, discriminação racial "injusta" e racismo. (CARDOSO, 2010, p. 611)

## 1.2 OBJETIVO GERAL

Compreender as percepções de pesquisadores dos Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação do Brasil no que se refere à relação entre produtivismo e o sistema de recompensa na ciência.

## 1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Problematizar, em uma perspectiva teórica, a lógica de mercado capitalista em relação à produção científica (produtivismo).
- b) Discutir o funcionamento do sistema de recompensa na ciência e sua relação com a prática científica.
- c) Caracterizar o perfil dos pesquisadores.
- d) Analisar as percepções dos pesquisadores em relação ao sistema de recompensa na ciência e ao produtivismo.
- e) Compreender a percepção dos pesquisadores da Ciência da Informação acerca das disparidades de gênero e raça na ciência e suas implicações na produção científica.

## 1.4 JUSTIFICATIVA

A realização do presente estudo se deu, primeiramente, pelo interesse pessoal da pesquisadora no tocante à prática científica e às problematizações ligadas ao campo científico, como a relação dos pesquisadores com a produção científica e o sistema de recompensa na ciência. Dessa forma, sucederam indagações acerca de questões que estão intimamente ligadas com os agentes (pesquisadores) e elementos que permeiam o campo científico, como o produtivismo e a mercantilização da produção científica e sua relação com o sistema de recompensa.

Do ponto de vista epistemológico o presente estudo se justifica em virtude de que no campo da Ciência da Informação tais discussões não se propuseram a abordar relações entre o sistema de recompensa, o produtivismo e as disparidades no campo científico no tocante a gênero e raça. A justificativa em relação às decisões teóricas se pautou em virtude de que estudos precedentes não desenvolveram investigações que se fundamentam no tensionamento entre a perspectiva Mertoniana e Bourdieusiana.

A escolha de analisar a perspectiva dos pesquisadores da Ciência da Informação em relação ao tema abordado se deu por escolha pessoal da pesquisadora, uma vez que pretendemos dar continuidade a pesquisas que tenham o viés do produtivismo e do sistema de recompensa na ciência, na área da Ciência da Informação. Por isso, é de extrema importância compreender de que forma os pesquisadores dessa área percebem (e se percebem) o sistema de recompensa, as disparidades no campo científico e o atravessamento da lógica produtivista na ciência.

## **2 ASPECTOS TEÓRICO-CONCEITUAIS**

Neste espaço de escrita serão apresentados os principais conceitos norteadores do estudo, a fim de mostrar o embasamento teórico e a pertinência em relação às discussões propostas nas subseções subsequentes.

O texto aqui apresentado está assim organizado: na subseção a seguir apresentaremos a compreensão acerca do sistema de recompensa na ciência a partir de uma perspectiva da sociologia da ciência, qual seja, a proposta fundamentada no tensionamento entre as proposições teóricas de Robert King Merton e Pierre Bourdieu, posteriormente discorreremos acerca das definições de campo científico e capital científico apoiado na literatura de Bourdieu. Os tópicos seguintes abordarão a mercantilização da produção científica e as disparidades de gênero e raça na academia no tocante ao acesso ao capital científico e em relação à produção científica.

### **2.1 SISTEMA DE RECOMPENSA NA CIÊNCIA**

Dentre os diversos fenômenos que se relacionam com o meio acadêmico e os agentes que ali interagem (pesquisadores), um desses fenômenos que incide sobre a ciência é o sistema de recompensa. Primeiramente, é importante compreender que recompensas acadêmicas são recompensas tangíveis, que marcam o desenvolvimento da carreira de um pesquisador, e são, idealmente, concedidas pelo julgamento dos pares.

As análises sociológicas de Robert Merton acerca do sistema normativo da ciência constituem-se como elementos essenciais para compreender o sistema de

recompensa na ciência. Merton (1973) apresentou sua ideia de que os cientistas, interessados no progresso do conhecimento, também procuravam obter reconhecimento acerca dos seus feitos e contribuições, por vias institucionais.

Esse reconhecimento científico pode ser compreendido como um reconhecimento simbólico, de acordo com Merton (1973) os direitos de propriedade em ciência reduzem-se ao reconhecimento por parte dos outros do papel desempenhado pelo cientista no resultado alcançado. Esse reconhecimento é atribuído, portanto, por meio de um sistema de recompensas que pode ser visto como um “subproduto do sistema de avaliação, entendido como um conjunto de processos e ações concretas de avaliação do desempenho dos cientistas, o qual deverá recompensar aqueles que se ajustam verdadeiramente às normas da instituição”. (ÁVILA, 1997)

O sociólogo Robert King Merton estudou o sistema de recompensas na Ciência, e, segundo o autor, essas recompensas podem ser diversas, como por exemplo: premiações (sendo o prêmio Nobel a maior recompensa de todas), citações, eponímias - que seriam a prática de afixar os nomes de cientistas a tudo ou a parte de suas contribuições. E também,

[...] pelos pares, distribuídas em número muito mais amplo adquirem formas graduadas: eleição para sociedades científicas honoríficas, medalhas e prêmios de vários tipos, nome em cátedras de instituições de ensino e pesquisa e, chegando ao que é certamente a mais difundida e completa forma básica de reconhecimento acadêmico, ter o próprio trabalho usado e explicitamente reconhecido por seus pares. (MERTON, 2013, p. 224)

Contudo, dentro do sistema de recompensa, Merton observou um aspecto chamado “efeito Mateus” que diz respeito ao fenômeno que ocorre na ciência quando a comunidade científica dá mais crédito aos cientistas já consagrados do que aos jovens pesquisadores. Desse modo, cientistas já reconhecidos obtêm créditos desproporcionalmente grandes por suas contribuições científicas, enquanto cientistas ainda pouco conhecidos obtêm créditos desproporcionalmente pequenos por suas contribuições (MERTON, 1973).

Outra ocorrência observada por Merton dentro do sistema de recompensa na ciência são as vantagens cumulativas, de modo que certos indivíduos adquirem mais oportunidades do que outros de progredir academicamente e prosperar nas suas áreas, o que ocasiona a desigualdade de acesso a recursos, desigualdade de reconhecimento, de produtividade, etc. Segundo Merton (2013, p. 199):

O primeiro conceito, vantagem cumulativa, aplicado ao domínio da ciência, refere-se aos processos sociais por meio dos quais vários tipos de oportunidades de pesquisa científica, assim como as recompensas simbólicas e materiais subsequentes aos resultados daquela pesquisa, tendem a acumular-se para os praticantes individuais da ciência, assim como também para as organizações implicadas no trabalho científico.

É notável, a partir do conceito de vantagem cumulativa, que o meio acadêmico se distancia de uma lógica de comunidade, de união e de compartilhamento uma vez que as vantagens são acumuladas por praticantes individuais e pelas organizações vinculadas àquele trabalho. Assim sendo, o acúmulo de vantagens contribui para, segundo Merton (2013, p. 200), incrementar sucessivamente a obtenção de mais vantagens, através de mais recursos e melhor estrutura, fazendo com que os indivíduos que obtêm mais recompensas simbólicas e mais vantagens acumuladas, se distanciem cada vez mais daqueles que não têm.

As instituições, portanto, incentivam pesquisas através de financiamento, escolhendo onde alocar seus recursos, beneficiando aqueles que escolheram trilhar o caminho nessas instituições, o que contribui para o surgimento e a manutenção de uma estrutura de classe na ciência. Segundo Hayashi (2012): “o sistema de recompensas influi na “estrutura de classe” da ciência fornecendo uma distribuição estratificada de chances entre os cientistas ao ampliar seus papéis como pesquisadores.”

Essa limitada possibilidade de ampliação dos papéis em relação a classe pode ser também pensada no que tange a aspectos relativos a gênero e raça. Isso porque as oportunidades não apenas estão relacionadas às trajetórias individuais, mas, sobretudo, desvelam aspectos relativos às relações de poder estabelecidas na sociedade e a sua distribuição no âmbito acadêmico. Dessa forma, existem perspectivas que se distanciam e são antagonicas à ideia de comunidade, que serão abordadas no subtópico que segue.

## 2.2 CAMPO CIENTÍFICO: CONCEITOS E ASPECTOS DA SUA DINÂMICA

O sociólogo Pierre Bourdieu se distancia da ideia de “comunidade científica”, atribuindo o termo “campo científico”, de forma que problematiza a estrutura de distribuição de poder na ciência, apontando que existe uma disparidade em relação à distribuição de capital científico entre os cientistas e instituições em competição.



A definição de campo científico difere de comunidade científica uma vez que comunidade científica é definida como um grupo onde seus membros estão unidos por um objetivo e por uma cultura em comum (HAGSTROM, 1965), e empregar a noção de "campo científico" significa "romper com a ideia de que os cientistas formam um grupo unificado ou até homogêneo" (BOURDIEU, 2004). Para Bourdieu, comunidade é uma visão ingênua e idealista, uma vez que entre os membros dessa comunidade (os cientistas) há disputas pelo "monopólio da manipulação legítima", ou, como o autor explica, disputa pelo bom método, pelos bons resultados, e pelos bons objetos e métodos da ciência.

Hochman (1994) diz que tal estrutura "orienta as estratégias e os investimentos (dos pesquisadores) no presente, inclusive as aspirações científicas de cada um." Dessa forma, muitos cientistas escolhem e se dedicam a áreas cuja descoberta ou contribuição terá um potencial maior de aumentar o seu capital simbólico.

O reconhecimento pelos pares que caracteriza o campo, segundo Bourdieu (2004) tende a produzir um efeito de fechamento, conforme o autor: "O poder simbólico de tipo científico só se pode exercer sobre o homem comum (como poder de fazer ver e fazer acreditar) se for ratificado pelos outros cientistas." Sendo assim, a força motriz da academia está em acumular capital científico a fim de obter legitimação e posteriormente a consagração no campo através da produção do conhecimento e do reconhecimento desta contribuição por seus pares.

As recompensas, portanto, são geradas a partir da quantidade e da qualidade da produção científica do pesquisador e necessitam ser avaliadas e reconhecidas pelos pares, de forma que se constituam posteriormente em capital científico, capaz de atribuir prestígio e visibilidade ao pesquisador dentro do campo científico. O capital científico é um capital simbólico, conforme diz Bourdieu (2004):

O capital simbólico é um conjunto de propriedades distintivas que existe na e pela percepção de agentes dotados de categorias de percepção adequadas, categorias que se adquirem principalmente através da experiência da estrutura da distribuição desse capital no interior do espaço social ou de um microcosmo social particular como o campo científico.

É, portanto, um capital fundamentado no conhecimento e no reconhecimento, de forma que o cientista dispõe da sua contribuição científica e em troca lhe são concedidas recompensas, tal como a citação da sua produção científica por seus pares. A partir disso, podemos compreender que o capital científico é um produto do reconhecimento dos seus concorrentes, como apresenta Bourdieu (2004) "o peso

simbólico de um cientista tende a variar segundo o valor distintivo dos seus contributos e a originalidade que os pares concorrentes reconhecem ao seu contributo distintivo”. É importante ressaltar que o campo científico tende a atribuir mais capital simbólico (crédito) aos que já tem, como o autor ressalta “capital simbólico atrai capital simbólico”, ou seja, são os agentes mais conhecidos que se beneficiam dos ganhos que deveriam ser distribuídos igualmente.

De acordo com o autor, o capital científico pode ser de dois tipos: puro ou político/institucional. O primeiro consiste em reconhecimento junto aos pares em determinado Campo Social, o segundo se trata de um reconhecimento que aumenta à medida em que o pesquisador e/ou está ligado à ocupação de posições importantes nas instituições científicas e/ou administração científica, tais como coordenador de grupo de pesquisa, chefe de departamento, comitês de avaliação, entre outros (ALVES; OLIVEIRA, 2018).

Algumas implicações no campo científico se dão a partir da competição pelo capital científico, isso porque a acumulação do capital científico provém a autoridade científica, a qual, segundo Bourdieu, pode ser acumulada, transmitida e convertida em outros tipos de capital, em um mercado muito específico, o da produção do conhecimento.

Para Bourdieu, o campo científico é um lugar de luta, um espaço de competição entre agentes desiguais que buscam o monopólio da autoridade científica e o acúmulo de capital científico. Hochman (1994) diz que: “a vitória, o crédito, o capital são daqueles que impõem uma (a sua) definição de ciência”.

O campo científico é um mercado particular dentro da ordem econômica capitalista, uma vez que temos os cientistas que buscam acumular crédito científico - reconhecimento e recompensa via imposição de autoridade científica (BOURDIEU, 1976). Hochman (1994) diz que Bourdieu pretende “reintroduzir a sociedade capitalista de classes na análise da dinâmica científica, a comunidade está longe de ser neutra e cooperativa [...] é um lugar de competição e desigualdade”. Cabe ressaltar ainda que, de acordo com Bourdieu (1976), aqueles que ocupam uma posição tal que a estrutura do campo age em seu favor podem ser chamados de dominantes, são os que ditam as regras do campo e estão comprometidos com a estrutura consolidada do campo, tal estratégia é importante para a manutenção das forças dentro do campo tal qual como é, dificultando mudanças, uma vez que as forças do campo tendem a consolidar as posições dos dominantes.

Na estrutura do campo, os indivíduos tendem a agir de acordo com o que está estabelecido, o que Bourdieu chama de “*Habitus*”. Para o autor, esse *Habitus* é uma força conservadora que age no campo científico fazendo com que os agentes pensem, falem e se movimentem de uma determinada maneira. Bourdieu define *habitus* como:

Sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expreso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente (Bourdieu, 1994, p. 60-61).

Ou seja, são estruturas já existentes que atuam na manutenção e continuidade de determinadas práticas dentro do campo. Portanto, é importante que os pesquisadores incorporem o *habitus* e “conheçam as regras do jogo” dentro do campo, pois: “Os agentes vão incorporando o *habitus* que os permite acumular capitais, e este acúmulo permite a ampliação de ação destes no campo. (VOLPATO, 2019)”. Desse modo, à medida em que o agente se insere no campo, ele vai se apropriando desse *habitus* que permite a ele participar, acumular capital simbólico e posteriormente, tornar-se influente no campo em que atua.

Em “Para uma sociologia da Ciência”, Bourdieu (2004) traz questões referentes ao que está em jogo no campo científico, “quais os bens ou as propriedades procuradas e distribuídas ou redistribuídas, e como é que se distribuem, quais são os instrumentos ou as armas que se deve ter para jogar com hipótese de ganhar [...]”. Dessa forma, o autor reafirma o campo como um espaço de conflitos, onde os agentes empreendem ações que dependem da sua posição na estrutura de distribuição de capital.

Bourdieu (2019), em “*homo academicus*” faz uma análise social do mundo universitário trazendo conflitos, contradições, interesses e relações de poder entre os agentes dentro do campo científico. Na obra, o autor traz indicadores de capital de poder e de prestígio científico a fim de obter um índice de capital simbólico. Dessa forma, alguns dos indicadores são: ligação dos professores ao CNRS (Centro Nacional de Pesquisa Científica) como participação no Diretório e nas diferentes sessões do centro, direção de um laboratório do CNRS, participação em colóquios, congressos, conferências, número de vezes que o trabalho do autor foi citado e traduzido para outras línguas, orientação em teses e publicações.

Percebemos que os indicadores ligados à produção dos pesquisadores possuem bastante relevância no acúmulo de capital simbólico dentro do campo, seja na quantidade de publicações, ou o quanto esses trabalhos são citados, traduzidos e reconhecidos dentro do campo científico. Contudo, a partir do momento que se atribui um peso significativo a esses indicadores de relevância e prestígio para o pesquisador, também é colocado sobre ele uma pressão para produzir, desencadeando uma lógica produtivista na ciência, que será abordada no tópico que segue.

### 2.3 MERCANTILIZAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E PRODUTIVISMO

Como vimos anteriormente, a quantidade e a qualidade da produção científica configuram um indicador importante de avaliação para os pesquisadores dentro do campo científico, que pode gerar capital científico e reconhecimento e que, por sua vez, pode gerar recompensas acadêmicas. Contudo, essa lógica é atravessada pelo produtivismo que advém da lógica de mercado capitalista e acaba incidindo sobre a ciência e invadindo o campo científico, a partir do momento que o número de publicações de um pesquisador se constitui em um parâmetro importante para sua progressão acadêmica e para a possível geração de posteriores recompensas.

O termo “produtivismo” se propagou nos Estados Unidos na década de 1950 a partir da conhecida expressão “publicar ou perecer” (*publish or perish*), que segundo Andrew Plume e Daphne van Weijen (2014) “é uma frase comum usada para descrever a pressão que pesquisadores enfrentam para publicar seus resultados de pesquisa, a fim de permanecer relevante e ser bem sucedido no seio da comunidade acadêmica.”

A expressão “publicar ou perecer”, portanto, “demonstra o risco que intelectuais, cientistas e acadêmicos corriam se não cumprissem as metas impostas pelos órgãos de financiamento, pelas universidades e pelo mercado” (COSTA; BARBOSA FILHO, 2021). Essa projeção impositiva que povoa o imaginário dos cientistas contribui para a manutenção da lógica produtivista, uma vez que os pesquisadores já ingressam nos programas de pós-graduação imersos por tal lógica, que acaba os distanciando do real propósito da pesquisa científica que é contribuir para o desenvolvimento da sociedade e para o avanço do conhecimento.

Godoi e Xavier (2012) apontam o produtivismo como uma forma de avaliação, ao conceituarem:

O produtivismo é uma forma de avaliação centrada na quantidade pura e simples de produções/publicações, em geral pouco lidas ou que não têm maior importância científica, e que serve de parâmetro básico para as mais diversas formas de progressão na carreira acadêmica.

O produtivismo incide sobre os pesquisadores a partir do momento em que a quantidade de publicações passa a ser preponderante em detrimento à qualidade das investigações, ocasionando uma instrumentalização da produção científica. Portanto, é necessário que o pesquisador publique em grande quantidade em periódicos que gerem indicadores de qualidade, cujo objetivo seria a progressão da carreira acadêmica, conseguir financiamento para futuras pesquisas, manutenção de bolsas, alimentar o currículo ou para que haja a possibilidade do pesquisador obter maior visibilidade, bem como pontuar em processos seletivos. Desse modo, os pesquisadores passam a se preocupar em cumprir metas de produção ainda que haja a possibilidade de deixar de lado a qualidade.

É evidente que as atividades de pesquisa são mais valorizadas em um sistema de recompensa do que atividades de ensino e extensão (BOYER, 1990; SEROW, 2000; O'MEARA, 2006), de modo que a pesquisa acaba tendo um peso maior nos sistemas de avaliação. Kuenzer e Moraes (2005) alegam que “há um verdadeiro surto produtivista em que o que conta é publicar, não importa qual versão requeitada de um produto, ou várias versões maquiadas de um produto novo. A quantidade institui-se em meta”. Tuleski (2012, p. 1-4) discorre acerca de problemas de saúde física e psíquica que a lógica produtivista desencadeia entre os pesquisadores, e não apenas isso, há também uma competição desenfreada e uma “corrupção da personalidade humana” onde, segundo a autora, “os valores se colocam de modo invertido na consciência dos pesquisadores sob a pressão ideológica que Schlendlindein (2009) denomina de ‘sistema de recompensa científica’.” (TULESKI, 2012, p. 1-4).

Em relação ao reconhecimento e a quantidade de publicações científica, Schlendlindein (2009), diz que:

Quem publica mais recebe mais recursos para pesquisa, que, por sua vez, possibilita aumentar o número de publicações, num ciclo de reforço contínuo. Como resultado, os volumes mais expressivos de recursos para a pesquisa tendem a se concentrar cada vez mais por região, por instituição, por pesquisador.

O produtivismo pode desencadear uma alta produção de literatura científica de baixa qualidade, a partir da pressão gerada pelo produtivismo ocorrem diversas

práticas que levantam questões éticas dentro da ciência como por exemplo as publicações fatiadas, onde o pesquisador opta por publicar um estudo em vários artigos quando poderia tê-lo feito em apenas uma publicação, a fim de aumentar seu índice de quantidade de trabalhos publicados.

Questões envolvendo autoria e coautoria de trabalhos também podem ser elencadas aqui, a problemática está em torno de publicações assinadas por autores que não participaram do trabalho efetivamente, ou qualquer forma de atribuição de coautoria não apropriada, mais uma vez com o intuito de aumentar seu índice de publicações. Kuhlmann Jr. (2014) destaca que “todos aqueles que participaram da pesquisa, mas não da elaboração do artigo propriamente dito não são autores, mas colaboradores, que devem receber os agradecimentos apropriados no final do artigo.”

O produtivismo é uma consequência da mercantilização da produção científica, assim sendo, uma vez que os periódicos científicos se constituem como o principal meio de divulgação da produção científica atualmente, as editoras se consolidam como uma peça fundamental no sistema de comunicação científica. Contudo, cabe ressaltar que, assim como existe uma hierarquia entre os indivíduos dentro do campo científico, também há uma hierarquia entre os veículos de comunicação científica, havendo uma ordem de prestígio entre os periódicos indexados que publicam resultados de pesquisa (MUELLER, 2006).

Sendo assim, a partir do momento que existe uma elite no mercado editorial de publicações científicas, pesquisadores tendem a publicar nas revistas melhor colocadas nesse ranking, se submetendo ao pagamento que as editoras exigem em prol de receber reconhecimento e aumentar seu capital científico. Sobre esse aspecto, Tuleski (2012) discorre: “Deste modo, cria-se um mecanismo de exploração pelo qual os pesquisadores não somente pagam para publicar, mas também para ler as revistas científicas com seus artigos.”

Como consequência, institui-se o mercado de divulgação de resultados de pesquisa, que cria uma aproximação entre as esferas científica e econômica. Conforme Carlotto (2009, p. 4):

A importância dessa outra forma de interação entre ciência e mercado deve-se, em primeiro lugar, ao fato de que ela baseia-se no imperativo de divulgação dos resultados de pesquisa que, como condição fundamental do funcionamento das hierarquias de credibilidade da ciência, é tido como um dos pilares de sustentação da especificidade de funcionamento do regime científico.

Dessa forma, a lógica de mercado na ciência se apoia e se aproveita de uma das formas de reconhecimento que mais atribui crédito ao pesquisador, de modo que sua posição de prestígio se sustenta por um sistema de avaliação, principalmente das agências de fomento à pesquisa, que possui a quantidade de publicações como um dos principais indicadores.

Portanto, a partir do momento que a quantidade de publicações em periódicos bem avaliados se constitui como um ingrediente essencial para a que os pesquisadores se mantenham atuantes no campo e possam progredir academicamente, tais periódicos se beneficiam dessa lógica para lucrar com a divulgação de resultados de pesquisa, atuando na manutenção da lógica de mercado na ciência

Dessa forma, percebemos que uma série de elementos alimentam a lógica de mercado na ciência, envolvendo os pesquisadores, as universidades e os programas aos quais estão vinculados. Contudo, é importante contextualizar o ensino superior brasileiro, e, principalmente, a pós-graduação no Brasil, de modo que seja possível compreender outras questões ligadas à sociedade, como o racismo estrutural e institucional e as determinações de gênero, que se configuram como elementos que dificultam o acesso ao capital científico, bem como intervêm na produção do conhecimento de tais grupos no âmbito acadêmico, como veremos na seção que segue.

#### 2.4 ACESSO AO CAPITAL CIENTÍFICO: DISPARIDADES E PERSPECTIVAS EM RELAÇÃO A GÊNERO E RAÇA

Através dos conceitos expostos anteriormente, é possível notar que as questões acerca do sistema de recompensa, da mercantilização e do produtivismo pairam sobre os pesquisadores de forma geral. Dessa forma, defendemos a perspectiva fundamentada em Bourdieu, que desvela desigualdades de oportunidades dentro do campo científico que acentua as disparidades entre os agentes em disputa.

Ao aproximarmos do contexto brasileiro, um país cuja desigualdade de acesso à Universidade já configura uma disparidade, percebemos que as mulheres hoje são a maioria no ensino superior ainda que encontrem dificuldades de inserção no

mercado de trabalho e na progressão da carreira acadêmica (EDUCATION AT GLACE, 2019). Em relação a disparidades de raça, os dados do Censo de Educação Superior 2019 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), mostram que no Brasil apenas 7,12% de pessoas matriculadas no Ensino Superior se declaram pretas.

Ainda que as mulheres sejam maioria no ensino superior, o acesso à educação ocorre de forma desigual entre elas. Em 2019 mulheres pretas ou pardas entre 18 e 24 anos apresentavam uma taxa ajustada de frequência líquida ao ensino superior de 22,3%, quase 50% menor do que a registrada entre brancas (40,9%) e quase 30% menor do que a taxa verificada entre homens brancos (30,5%) (IBGE, 2021).

A Secretaria de Comunicação Institucional da UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira), publicou uma matéria em 2014 a respeito dos temas raciais nas universidades brasileiras, salientando que a presença do estudante negro tem aumentado nos últimos anos, ainda que esteja proporcionalmente distante da quantidade de estudantes brancos. Conforme a matéria, o número de pessoas brancas matriculadas no ensino superior presencial e à distância é 11,8 vezes maior do que de pessoas negras, são 3,9 milhões de estudantes brancos contra 330,1 mil de estudantes negros e 1,8 milhões de estudantes pardos (CENSO 2010, IBGE).

Quando se fala em pós-graduação, os dados abertos da Capes relativos aos discentes da pós-graduação no Brasil mostram que apenas 1 em cada 4 matriculados nos programas de mestrado e doutorado no Brasil, é negro (Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, 2020).

A respeito da progressão na carreira acadêmica, o Censo da Educação Superior do INEP 2019 traz o quadro abaixo, mostrando o perfil dos docentes de Instituições de Ensino Superior no Brasil (IES).



Figura 1 - *Print* de tela do quadro apresentado pelo Censo da Educação Superior do INEP, 2019

“Perfil” do Docente de Instituição de Educação Superior, por Categoria Administrativa (pública e privada) – 2019

Atributos do Vínculo Docente	Categoria Administrativa	
	Pública	Privada
Sexo	Masculino	Masculino
Idade	38	39
Escolaridade	Doutorado	Mestrado
Regime de Trabalho	Tempo Integral	Tempo Parcial

*Nota: Para construção do perfil do docente, é considerada a Moda de cada atributo selecionado separadamente*

Fonte: INEP, 2019

Conforme exposto na Figura 1, tanto na educação superior privada, quanto na pública, os homens com 38 e 39 anos em média configuram maioria entre os professores de ensino superior, ainda que as mulheres sejam a maioria das discentes, como mostrado anteriormente.

Percebemos a partir dos dados supracitados que o perfil do acadêmico brasileiro, é branco e masculino, em um país onde mais da metade dos seus residentes são pretos ou pardos. Dessa forma, se faz importante debater o racismo na universidade a partir da perspectiva do racismo institucional, como aborda autores como Silvio Almeida (2021), Araújo e Maeso (2019). O racismo é debatido na academia a partir de uma visão eurocêntrica, desconsiderando a carga política e histórica e reduzindo o racismo a atos de discriminação cometidos por pessoas individuais, as quais são vistas como “erradas”, e “exceções”, e assim se perpetua o racismo institucional a partir da sua negação. Dessa forma, Araújo e Maeso (2019) alertam para a importância de:

[...] consideramos o racismo um fenômeno político configurado historicamente e a noção de racismo institucional fulcral para entender os preconceitos e as atitudes como sendo meramente a ponta do icebergue, refletindo-se assim as estruturas sociopolíticas como profundamente geradoras e reprodutoras de desigualdades. (ARAÚJO; MAESO, 2019, p. 476)

Ou seja, atribuir o racismo a atos individuais de algumas pessoas é uma falácia que descentraliza a atenção do real problema na academia e em outras instituições, restando a descolonização desses espaços. (ARAÚJO; MAESO, 2019, p. 477) Desse modo, a partir da dificuldade de acesso de pessoas pretas à academia, ocorre a

manutenção do racismo institucional, e conseqüentemente há menos pesquisadores discutindo questões raciais estruturais e institucionais, retroalimentando o sistema responsável pelas disparidades de raça.

Dada a contextualização da Universidade no Brasil, voltamos ao cerne do trabalho que diz respeito ao sistema de recompensa na ciência e acesso ao capital científico. Os autores destacam a carência de fontes e trabalhos prévios a respeito das disparidades em relação à raça que se vinculam diretamente ao sistema de recompensa. Contudo, Elena Orozco (1998), realizou um estudo de caso a respeito das disparidades no sistema de recompensa em relação ao gênero, através de uma perspectiva Mertoniana, pautado em uma variabilidade de espaços de estudo em relação a metodologia adotada, concentrando suas análises em diferentes departamentos da Universidade Estadual de Campinas.

Em sua tese, Orozco (1998) concluiu que há desigualdade no nas formas de reconhecimento, em relação às características dos pesquisadores, como por exemplo o nível acadêmico, o tipo de instituição, o grupo de pesquisa e o gênero. A autora discorre acerca de diferenças na produtividade acadêmica sistematicamente encontradas entre homens e mulheres, com vantagens para os homens. A partir disso, Orozco (1998) elencou uma série de fatores que podem ser responsáveis pela baixa produção das mulheres na ciência, e conseqüentemente, pelo baixo reconhecimento, que são: a) Socialização b) Conflitos entre a família e o trabalho; c) Menor investimento na educação feminina; d) Discriminagao sexual; e) Estrutura da carreira acadêmica; f) Sociedade capitalista e patriarcal; g) Níveis de estratificação científica.

Orozco (1998) constatou que as mulheres enfrentam mais dificuldade para ascender aos níveis superiores do sistema de estratificação da carreira acadêmica por conta de diferentes fatores, um deles é o fato de que, embora as mulheres apresentem um maior indicador referente ao coeficiente intelectual, isso não significa que elas obterão o mesmo nível de reconhecimento que os homens, uma vez que, nas palavras da autora: “tais vantagens de habilidades percebidas na mulher não necessariamente implicam que serão reconhecidas pela comunidade científica, cuja elite notadamente masculina, tende a privilegiar seus pares do mesmo gênero”. Não obstante, a falta de estímulo e reconhecimento afeta o entusiasmo das mulheres a seguirem a carreira acadêmica, fazendo com que muitas acabem desistindo e abandonando a academia.

Através de um olhar bourdieusiano, no que se refere a chances de obter créditos e acumular capital científico e com base no que foi exposto anteriormente podemos dizer que os homens (brancos) possuem maiores chances de obter crédito científico e acumulam ao longo da sua trajetória acadêmica maior capital simbólico, se considerarmos o perfil dos docentes das universidades, públicas e privadas, que configura o capital simbólico institucional: homens em sua maioria em posições de poder dentro da academia.

Dessa forma, quando se trata de avaliação de desempenho, a avaliação do valor da contribuição dos cientistas não é feita exclusivamente por meio de critérios que procuram isolar sua importância cognitiva, ou simplesmente avaliar segundo normas técnicas, mas deve se levar em conta a posição que o pesquisador ocupa no campo, medido através do capital simbólico acumulado (ÁVILA, 1997, p. 14). Nas palavras de Bourdieu: “os julgamentos sobre a capacidade científica de um estudante ou de um pesquisador estão sempre contaminados, no transcurso de sua carreira, pelo conhecimento da posição que ele ocupa nas hierarquias instituídas.” (BOURDIEU, 1983, p. 124).

Considerados os aspectos até aqui percorridos, elencamos a seguir os estudos provenientes da pesquisa bibliográfica que baliza este estudo.

## 2.5 ESTUDOS PERTINENTES

A importância de elencar aqui os estudos precedentes ocorre em virtude de que as discussões a respeito dos sistemas de recompensa na ciência estão balizadas em uma tradição de pelo menos 46 anos. Optamos por apresentar em ordem cronológica inversa os estudos sobre sistemas de recompensa na ciência em diferentes áreas do conhecimento.

Ding, Nguyen, Gebel, Adrian Bauman e Lisa Bero (2020) abordam a temática das publicações fatiadas, ou publicações salame, no seu estudo submetido a *International Journal of Epidemiology*. Os autores discorrem sobre a prática comum na academia, chamada publicação salame, oriunda do ambiente acadêmico competitivo de “publicar ou perecer” que incentiva a quantidade ao invés da qualidade. Dessa forma, o estudo traz uma série de práticas que podem ser adotadas por pesquisadores, pelas editoras e pelos revisores por pares, bem como uma reflexão de como o sistema de recompensa na ciência poderia **auxiliar** no combate a essas

práticas. Dizem os autores que “o sistema de recompensa deve reconsiderar e adotar mudanças para enfatizar a qualidade e o impacto ao invés da quantidade. A prática ética deve ser considerada um critério fundamental nos sistemas de avaliação acadêmica.” (Tradução nossa)

Fan Jiang e Nincai Liu (2018), desenvolveram um estudo na área das ciências sociais, a respeito dos prêmios acadêmicos internacionais dessa área, e concluíram que há disparidade de prestígio em relação aos prêmios de outras áreas como a engenharia e ciências naturais, o que demonstra a desigualdade sistemática do reconhecimento acadêmico entre as disciplinas. Outra conclusão do estudo dos autores, é que no sistema de premiações acadêmicas existe uma vantagem cumulativa, onde os próprios prêmios acabam se tornando “prestigiosos” ao serem concedidos a cientistas que já possuem certo prestígio no meio, o que corrobora o efeito Mateus, de Merton, uma vez que se dá preferência a cientistas já renomados em detrimento daqueles mais jovens.

Em 2019, Kjellberg e Haider, pesquisaram as tensões a respeito da visibilidade online dos pesquisadores em relação à confiança e reputação. Posner (2001) e Cronin (2002), realizaram estudos anteriores a respeito do reconhecimento dos cientistas fora da academia, dos intelectuais públicos que não apenas são referências entre os pares, mas também ajudam a formar opinião pública e opinam sobre fatos e acontecimentos atuais através da mídia. O trabalho de Kjellberg e Haider (2019) elucidam aspectos de como as expectativas de ter visibilidade online são expressas como parte do que significa ser um pesquisador acadêmico, e como esse novo tipo de capital simbólico remodelou as expectativas do sistema de recompensa na ciência em resposta às possibilidades oferecidas pelas mídias sociais e outras ferramentas digitais. Dizem os autores que a comunicação digital emergiu como centro na academia e tem um papel na transformação do conhecimento, bem como as redes sociais para pesquisadores como Academia, ResearchGate ou Mendeley, e outras redes como Facebook, Twitter e LinkedIn adentraram o meio acadêmico. Kjellberg e Haider (2019) dizem que a visibilidade do pesquisador na Web em mídias sociais contribui para a formação da imagem do pesquisador, e, com base nessa imagem, são feitos julgamentos que contribuem para a forma como a confiança e a reputação são formadas e vinculadas.

A conclusão do estudo de Kjellberg e Haider (2019) é que os documentos tradicionais de comunicação acadêmica sustentam a confiança e constroem a

reputação do cientistas, contudo, as novas formas de comunicação científica e acadêmica informal e visibilidade online ganham crédito em relação à comunicação formal tradicional e à obtenção de mérito, estabilizando ainda mais seu valor como moeda principal da academia, ou seja, os novos sites de redes sociais reforçam, ao invés de desafiar, a importância das publicações formais.

A respeito do reconhecimento científico e do acúmulo de capital simbólico, Cronin e Shaw (2002) realizaram um estudo comparando três índices potenciais de capital simbólico: contagem de citações, acessos na Web e menções na mídia. Apoiados no estudo precedente de Posner (2000; 2001), sobre o “*public-intellectual status*”, ou, “status público-intelectual” que se baseia no número de menções na mídia, comparando, portanto, os pesquisadores de renome dentro do meio acadêmico (representado pelo número de publicações acadêmicas) com intelectuais de renome público, contabilizado a partir de acessos na Web e menções em fontes de notícias gerais. Dessa forma, refere-se a um intelectual, a um especialista de uma área que se tornou conhecido pela sociedade fora do meio acadêmico, por comentar assuntos atuais e se destacar nas mídias digitais. Um exemplo disso no Brasil seria o pesquisador Átila Iamarino, que é um acadêmico cuja fama se deu a partir das mídias, e hoje a sociedade fora da academia o reconhece como um especialista na área da microbiologia e infectologia, não por ter um reconhecimento acerca das suas publicações ou do número de citações que ele recebeu em um artigo, configurando um tipo de credibilidade e de capital simbólico distinto.

Cronin e Shaw (2002) trazem em seu texto um fenômeno do sistema de recompensa que surge a partir da web e das mídias sociais, onde o pesquisador não mais possui interesse apenas em obter crédito dentro da comunidade, mas também fora dela. A Web fornece um meio para além do campo discursivo tradicional para receber e reagir às ideias, uma vez encurraladas dentro da literatura acadêmica formal. Também fornece aos acadêmicos meios de alcançar um público mais amplo, muito além das instituições. O autor utiliza a expressão “*street cred*”, que é o “credibilidade das ruas”, que seria justamente uma forma de crédito para além da academia, a qual pode ser medida a partir dos acessos que o pesquisador recebe na Web, e as menções a ele em páginas de notícias de forma geral. Essa lógica inusitada de atribuição de credibilidade, ao se conformar a partir da circulação de informações, mostra que a comunidade científica de forma geral tem buscado diferentes tipos de reconhecimento, que transcende o meio acadêmico formal.

É importante destacarmos que o estudo de Cronin e Shaw (2002) foi realizado no campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, área que Cronin acreditava ter poucos porta-vozes ou intelectuais públicos conhecidos fora do meio acadêmico, que contribuíssem de forma influente para os debates nacionais sobre questões atuais e que fossem responsáveis por formar opinião pública.

O que podemos dizer com alguma segurança é que os acadêmicos supostamente líderes em LIS (Library and Information Science - Biblioteconomia e Ciência da Informação) são invisíveis e não ouvidos na esfera pública; ao contrário de algumas outras disciplinas (por exemplo, direito, cujas faces públicas incluem notáveis como Dershowitz, MacKinnon, Posner, Strossen, Tribe), o campo LIS ainda está por apresentar, para usar a terminologia prevalecente, seu primeiro "academostar" genuíno (Spurgin, 2001) ou intelectual público. (CRONIN; SHAW, 2001) (Tradução nossa)

A partir dos dados trazidos pelos autores, foi possível identificar que a área da Biblioteconomia e da Ciência da Informação carece de intelectuais públicos, ou seja, até a data de realização da pesquisa, Cronin e Shaw (2001) constataram que não há acadêmicos da área que se destaquem fora da academia, e que sejam conhecidos e relevantes na esfera pública.

O'Meara (2006), realizou um estudo acerca dos catalisadores e barreiras à reforma dos sistemas de recompensa proposto pelo autor Boyer (1990). O'Meara argumenta que as instituições deveriam retornar às suas raízes e recompensar o envolvimento do corpo docente no ensino, integração e aplicação do conhecimento, bem como na pesquisa. Tal perspectiva a respeito do corpo docente e do ensino vai ao encontro das contribuições trazidas pelo autor Robert Serow (2000), o qual estudou as tensões entre pesquisa e ensino na função do docente. Diz o autor que a pesquisa é o elemento dominante no sistema de recompensa acadêmica da universidade, enquanto o ensino tem pouco peso nos sistemas de recompensa acadêmica dessas instituições. Dessa forma, alguns docentes acabam se dedicando mais à pesquisa do que propriamente ao ensino na Universidade.

Na década de noventa, a pesquisadora Chuing Prudence Chou (1992) defendeu sua tese de doutorado intitulada "*Gender differences in the academic reward system: A nation wide study of university faculty members in Taiwan*" ou, traduzindo: Diferenças de gênero no sistema de recompensa acadêmica: um estudo nacional com membros do corpo docente universitário em Taiwan. Tal estudo identificou diferenças de gênero em relação à renda e a promoção de professores universitários em Taiwan, de modo que demonstra as discrepâncias no sistema de recompensa acadêmico.

As principais conclusões do estudo de Chou (1992) foram a respeito da renda dos professores e professoras de ensino superior, sendo que o segundo grupo tende a ter uma renda total mais baixa. Em comparação aos docentes do sexo masculino, as mulheres acadêmicas tendem a passar mais anos na academia antes de se tornarem professoras, as mulheres também tem menos probabilidade de alcançar o posto de professoras ou cargos administrativos mais altos de nível superior. Por meio de entrevistas foi possível identificar que os docentes do sexo masculino tendem a estar menos cientes das diferenças de gênero e desigualdades no sistema de recompensa acadêmica. Além disso, as docentes do sexo feminino tendem a ocupar cargos em faculdades de menor prestígio, enquanto os docentes do sexo masculino ganham mais e avançam mais rapidamente para posições acadêmicas mais elevadas.

O trabalho intitulado “The academic reward system” (Sistema de recompensa acadêmico) publicado em 1979 pela AAHE-ERIC/higher Education Research Report, trouxe a tona algumas problematizações a respeito do sistema de recompensas no meio acadêmico, como por exemplo a supervalorização da pesquisa em comparação ao ensino na carreira dos docentes das universidades. Segundo o estudo: “[...] o sistema de valores acadêmicos afirma que a pesquisa é o dever mais importante do docente. O ensino é secundário, e o ensino eficaz requer que o professor seja estimulado por seus esforços de pesquisa.” Dessa forma, o sistema de recompensa reflete os valores do modelo acadêmico. O estudo da AAHE-ERIC/higher Education Research Report (1979) ainda afirma que a pesquisa e, portanto, a produção científica, são mais importantes na avaliação dos docentes no tocante a recompensas como promoções e estabilidade, do que o ensino, o que pode ocasionar um certo desânimo em relação às suas carreiras, de modo que os professores são pagos para ensinar, e é no ensino que muitos obtêm satisfação no trabalho, mas é a pesquisa que traz recompensas na carreira. Outra problematização trazida no estudo se refere à disparidade na avaliação do corpo docente, que tem como responsabilidade o ensino, a pesquisa e a extensão, sendo que as atividades de extensão não possuem peso significativo no processo de avaliação, ou seja, são ainda mais subestimadas que o ensino.

Em 1975, Alan E. Bayer e Helen S. Astin apresentaram um estudo a respeito da disparidade de gênero no meio acadêmico. Os dados apresentados no estudo são do Conselho Americano de Educação (ACE) e foram coletados a partir de mais de

100.000 membros do corpo docente de faculdades e universidades em uma amostra representativa, nacionalmente composta por 301 instituições. Todos os entrevistados compuseram a amostra da qual uma subamostra aleatória foi sorteada com aproximadamente 5.000 casos igualmente divididos entre mulheres e homens. A sub amostra final foi constituída de 2.544 mulheres e 2.454 homens.

Tais diferenças estão ligadas à motivação na carreira, à jornada dupla atribuída às mulheres, e à discriminação sofrida por elas no ambiente acadêmico. Outras diferenças aparecem no estudo em relação ao salário e às desvantagens do sexo feminino no que diz respeito às taxas de promoção.

Bayer e Astin (1975) concluem o estudo dizendo que:

Finalmente, deve-se observar que o atual sistema de recompensas, com sua ênfase no acúmulo de um grande número de publicações e fenômenos concomitantes, é mais consistente com os atuais papéis e oportunidades profissionais dos docentes do sexo masculino do que do sexo feminino. Nesse sentido, as estimativas de preconceito sexual baseadas no sistema de recompensa existente são quase inevitavelmente subestimadas. (Tradução nossa)

Ou seja, os pesquisadores do sexo masculino são privilegiados pelos critérios de avaliação adotados pelo sistema de recompensa científico, uma vez que dispõe de tempo e oportunidades para dedicar-se à pesquisa e a publicar, gerando assim mais chances de obter recompensas.

### **3 METODOLOGIA**

Estudo exploratório-descritivo de abordagem quanti-qualitativa que se dedicou, na primeira fase da pesquisa, à realização de um levantamento bibliográfico a respeito da produção científica relativa à temática dos sistemas de recompensa acadêmica e reconhecimento científico. Tais características implicaram em compreender o fenômeno numa perspectiva exploratório-descritiva, de modo que pudesse proporcionar uma visão geral sobre o sistema de recompensa acadêmica, e também estudar as características de determinado grupo através de técnicas padronizadas de coletas de dados (GIL, 2008).

A data de efetivação das buscas nas bases de dados Google Scholar, Web of Science, Scopus e Dimensions ocorreu no dia 09 de maio de 2021, utilizando as estratégias de busca conforme mostradas no Quadro 1.



Os parâmetros utilizados para identificação dos registros pertinentes se deram através dos resumos e palavras-chave dos registros encontrados. Preferencialmente foram utilizados os registros que trouxessem os termos “Sistema de recompensa na ciência”; “Sistema de recompensa acadêmica” no resumo e palavras-chave, em relação aos trabalhos em língua portuguesa. Nos trabalhos de língua inglesa, buscou-se no *abstract* e nas *keywords* o termo “academic reward system”. Outro filtro utilizado foi a busca pelos termos no corpo dos textos, com esse filtro foi possível averiguar quais textos realmente tratavam da temática de Sistema de Recompensa na Ciência, dessa forma, alguns textos foram descartados por não abordarem o assunto com profundidade, ou por não ter relação com a pesquisa e com o ensino superior e pós-graduação.

Quadro 1 - Relação das buscas bibliográficas nas bases de dados correspondentes

<b>Nome da fonte</b>	<b>Palavras ou frases empregadas na busca</b>	<b>Delimitadores</b>	<b>Nº de registros recuperados</b>	<b>Nº de registros pertinentes</b>
Google Scholar	“sistema de recompensa na ciência”	Todo período temporal	30	4
Google Scholar	“Sistema de recompensa acadêmica”	Todo período temporal	41	2 (em espanhol)
Google Scholar	"academic reward system"	Todo período temporal	2.380	10*
Web of Science	"academic reward system"	Todos os campos, todo período temporal	17	2
Scopus	"academic reward system"	Todos os campos, todo período temporal; Acesso Aberto	17	6
Dimensions	"academic reward system"	Abstract; Library&Information Science	60	7

\*Foram analisados apenas os 50 primeiros resultados

Em relação à segunda fase do estudo, buscamos compreender as percepções dos pesquisadores no que tange ao produtivismo e ao sistema de recompensa científica, identificando as percepções acerca de disparidades, através de um questionário com questões abertas e questões fechadas.

O questionário foi aplicado em alunos mestrandos e doutorandos, e docentes dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação, para que pudéssemos realizar uma análise comparativa entre diferentes categorias de pesquisadores.

A disponibilização do instrumento de pesquisa ocorreu na primeira semana de agosto de 2021, através do Formulários Google, respondido pelos pesquisadores pós-graduandos em ciência da informação. O questionário foi enviado para os coordenadores e para as secretarias dos cursos de pós-graduação em CI no Brasil. Posteriormente, os dados foram organizados em uma planilha .xls como forma de interpretação dos estudos.

A técnica utilizada para análise dos dados qualitativos foi a análise de conteúdo a partir dos métodos elencados por Moraes (1999): preparação das informações; Unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; Categorização ou classificação das unidades em categorias; Descrição e interpretação. O objetivo da utilização da técnica, portanto, foi interpretar os dados qualitativos obtidos através das respostas do questionário, possibilitando o entendimento dos dados para posteriores análises e conclusões dentro da pesquisa realizada.

Com o intuito de representar as frequências das palavras utilizadas nas respostas dos participantes para auxiliar na interpretação das respostas abertas, foi utilizado recurso gráfico da Nuvem de Palavras, a fim de obter a noção dos termos mais repetidos e representativos. A Nuvem de Palavras foi feita no programa WordArt a partir das respostas do instrumento de pesquisa das questões número 9, número 10 e número 13. Para a formulação das nuvens de palavras foram desconsiderados artigos, preposições e verbos de ligação.

A partir da metodologia utilizada, veremos nos tópicos que seguem, como os pesquisadores da Ciência da Informação percebem o sistema de recompensa e o produtivismo, e se as disparidades relativas a gênero e raça são percebidas no meio acadêmico. Primeiramente, será elencado o perfil dos pesquisadores que responderam o instrumento de pesquisa, e em seguida, serão desenvolvidas as análises em relação às suas perspectivas.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

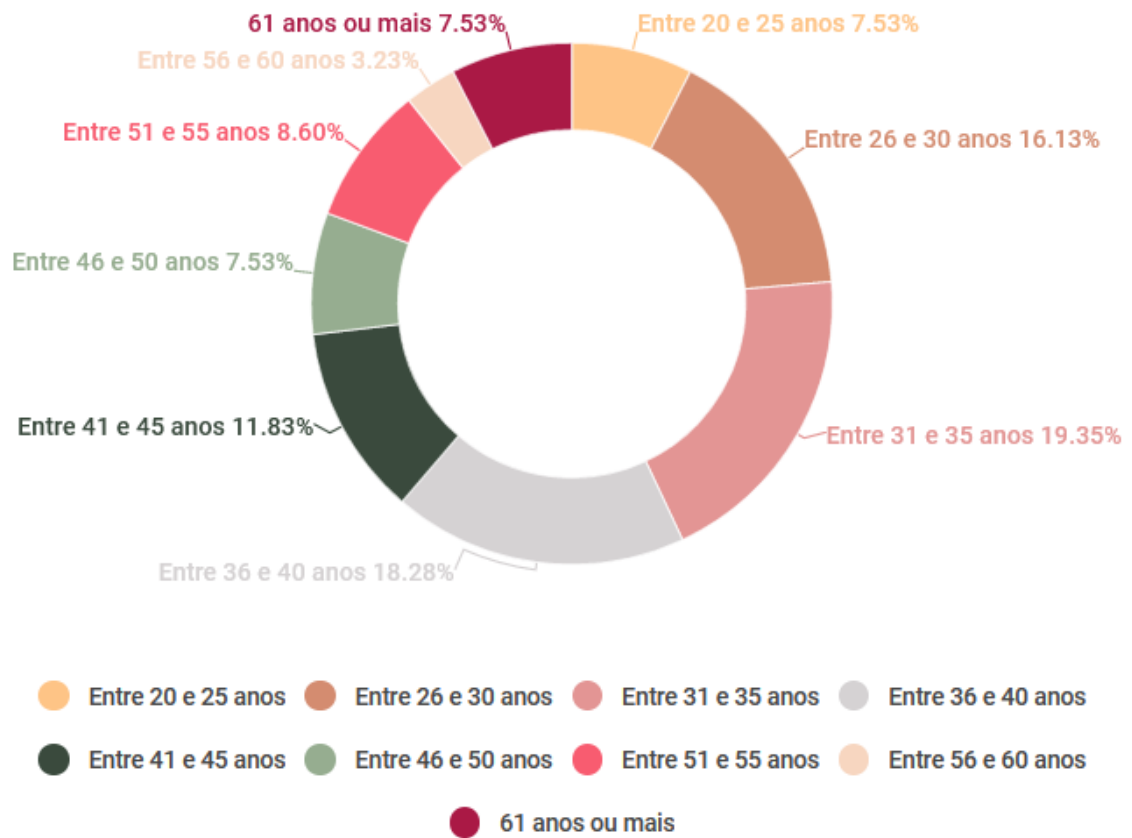
Nesse espaço de escrita apresentamos os dados e informações a partir do instrumento de pesquisa aplicado, a forma de apresentação das análises segue a ordem do instrumento de pesquisa, trazendo as respostas das perguntas fechadas e abertas. Os números serão apresentados ao longo do texto sempre de forma absoluta com sua correspondência percentual entre parênteses.

### 4.1 PERFIL DOS PESQUISADORES

A partir do instrumento de pesquisa enviado aos Programas de Pós-graduação *stricto sensu* em Ciência da Informação, a amostra se deu, em sua maioria, por discentes dos programas de pós-graduação, correspondendo a 66 (71%) pesquisadores, contra 28 (30,1%) docentes.

Em relação à faixa etária, o Gráfico 1 demonstra grande diversidade de público, o que contribui positivamente para a pesquisa no que diz respeito à visão de diferentes gerações de pesquisadores a respeito do tema abordado.

Gráfico 1 - Faixa etária dos pesquisadores

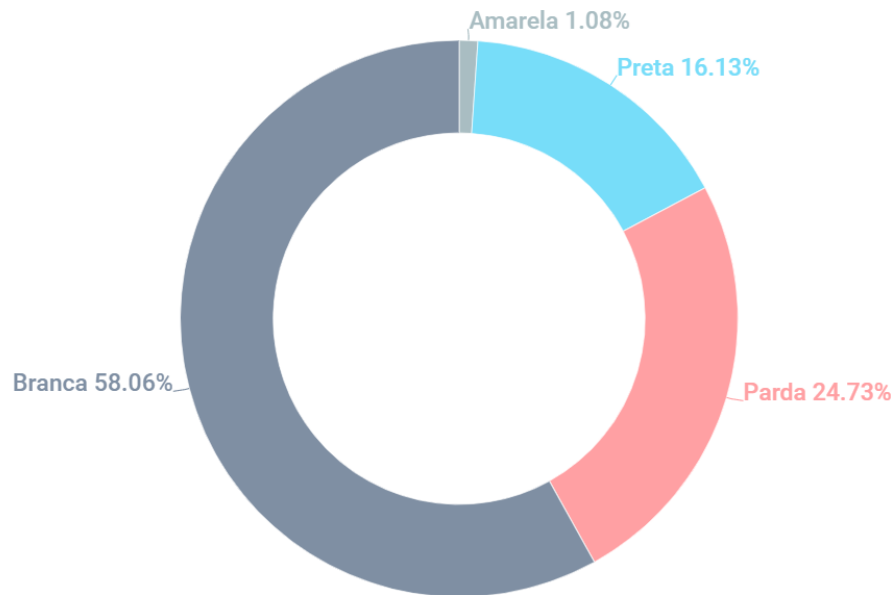


Fonte: Elaboração própria.

Percebemos, portanto, que pesquisadores com idades entre 26 e 30 anos, 31 e 35 anos, e 36 e 40 anos possuem as maiores porcentagens da amostra.

Em relação ao gênero, 66 (71%) se identificaram como sendo do gênero feminino e 27 (29%) do gênero masculino, sendo assim, as pesquisadoras mulheres configuram maioria no campo da Ciência da Informação. Já em relação a autodeclaração racial, a amostra se dividiu da seguinte forma:

Gráfico 2 - Autodeclaração de Raça/Etnia dos pesquisadores

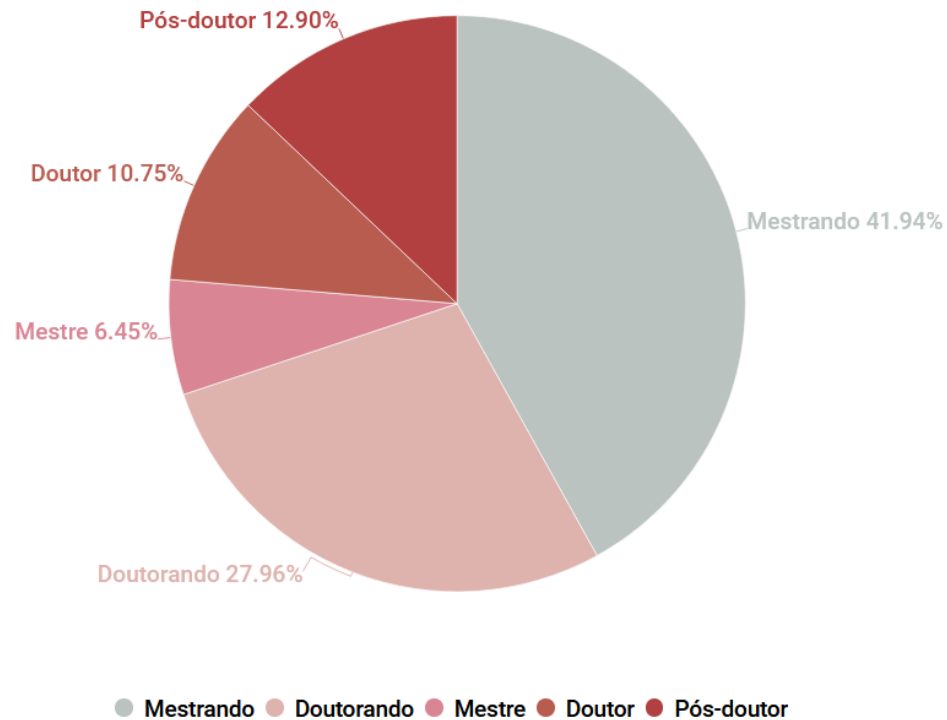


Fonte: Elaboração própria.

A partir do Gráfico 2 notamos a predominância de pessoas brancas no âmbito da pós-graduação, as quais somam 54 (58%) respondentes, contra 15 (16,13%) pessoas autodeclaradas pretas, 23 (24,73%) pessoas autodeclaradas pardas e 1 (1%) pessoa autodeclarada amarela.

No tocante ao nível de formação dos pesquisadores que participaram do estudo, percebemos um público diverso, sendo a maioria composto por mestrandos, como mostra o Gráfico 3.

Gráfico 3 - Nível de formação dos pesquisadores

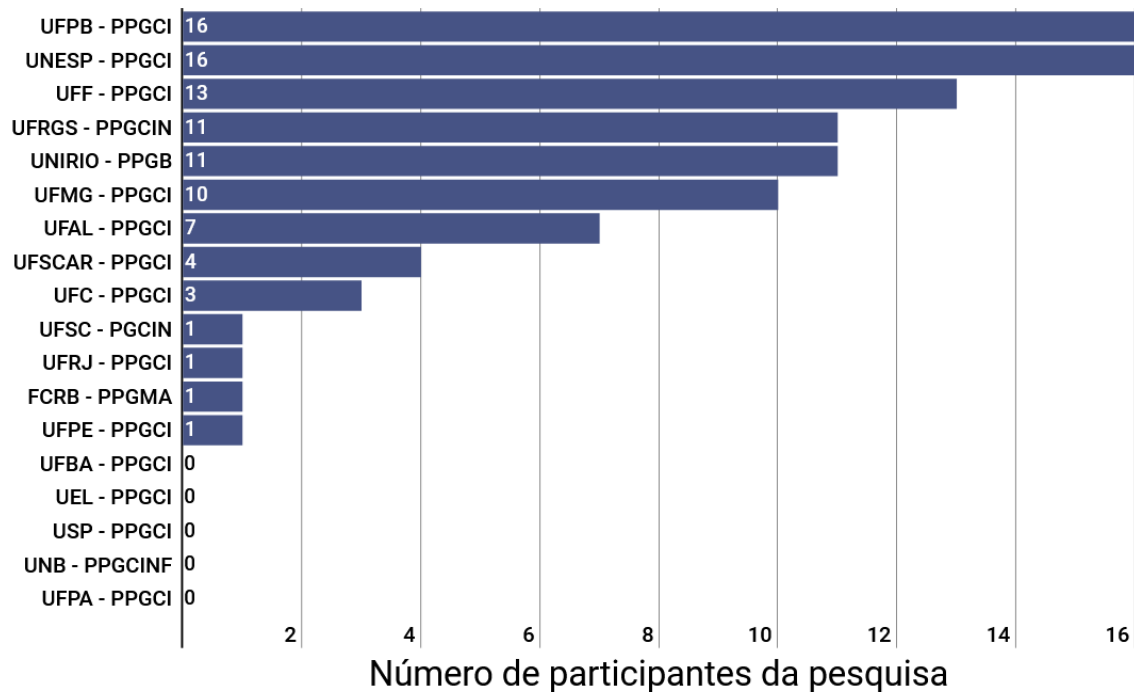


Fonte: Elaboração própria.

Conforme corrobora os dados a respeito do vínculo institucional dos respondentes, o qual aponta a maioria como discentes, no Gráfico 3 podemos ver que mestrandos e doutorandos possuem as maiores porcentagens, contudo, também houveram respostas significativas advindas de docentes doutores e pós-doutores.

Também foi perguntado a qual Programa de Pós-Graduação o pesquisador estava vinculado, possibilitando que, se necessário fosse, pudessem marcar mais de uma alternativa. É importante ressaltar que o instrumento de pesquisa foi enviado a 17 programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação, contudo, nem todos os programas retornaram a solicitação e disponibilizaram o questionário aos membros dos PPG, como demonstra o Gráfico 4.

Gráfico 4 - Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação



Fonte: Elaboração própria.

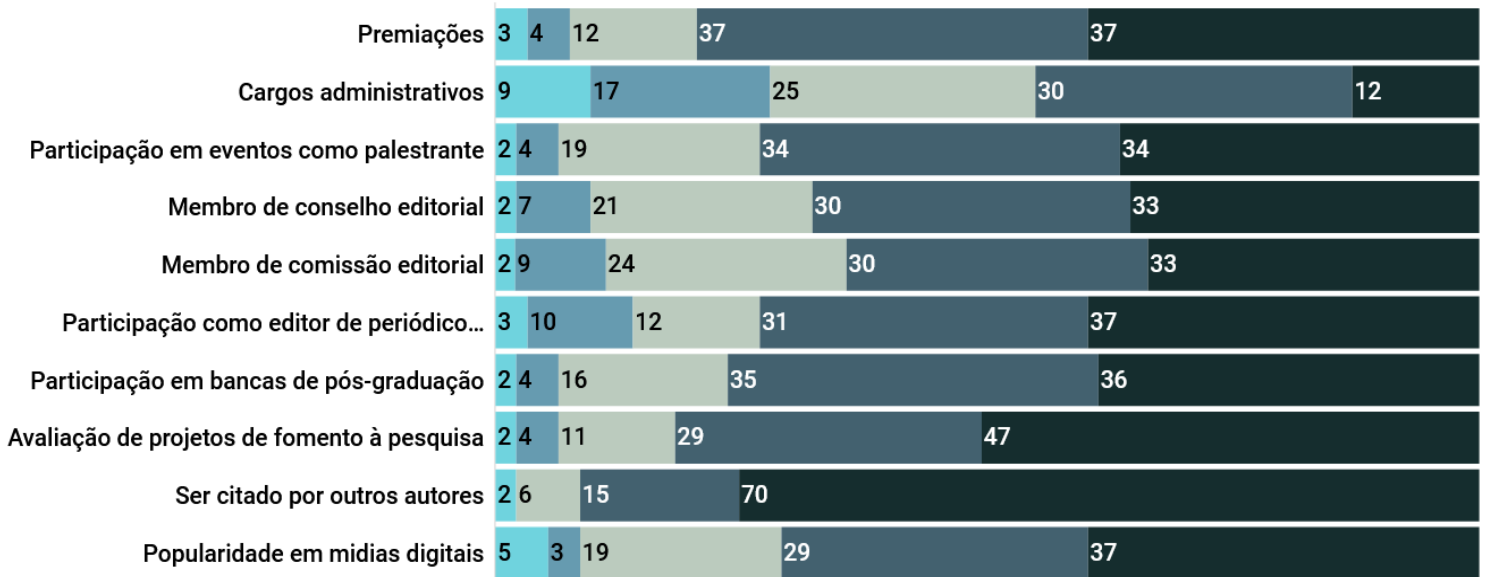
No gráfico 4 percebemos que a Universidade Estadual Paulista (UNESP), a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a Universidade Federal Fluminense (UFF), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) possuem o maior número de respondentes, o que configura um bom panorama em relação à localidade que estão situadas tais Institutos de Ensino Superior. Esse engajamento torna a amostra heterogênea no tocante à análise da perspectiva dos pesquisadores, de modo que as análises se constroem a partir de um olhar advindo de diferentes partes do Brasil acerca das questões propostas.

#### 4.2 PERSPECTIVA DOS PESQUISADORES

A primeira pergunta feita aos pesquisadores acerca de como percebem o Sistema de Recompensa na Ciência, foi sobre formas de reconhecimento científico, de modo que, utilizando uma escala de 1 a 5, sendo 1 - nenhuma importância, 2 - pouca importância, 3 - razoável importância, 4 - considerável importância e 5 - muita importância, os respondentes assinalaram, de acordo com a sua percepção, o nível

de importância dos itens para atribuição de prestígio e reconhecimento aos pesquisadores, conforme mostrado no Gráfico 5:

Gráfico 5 - Percepção dos pesquisadores sobre o nível de importância das formas de reconhecimento acadêmico



● 1 - Nenhuma importância ● 2 - Pouca importância ● 3 - Razoável importância ● 4 - Considerável importância ● 5 - Muito importante

Fonte: Elaboração própria

O gráfico de barras empilhadas nos ajuda a perceber a quais dos itens os pesquisadores atribuíram maior e menor relevância. Ainda que a maioria tenha atribuído considerável e muita importância a quase todos os itens, é possível ver, por exemplo que “Ser citado por outros autores” recebeu 70 respostas como “Muito importante”, sendo, a partir do estudo realizado, o item ao qual os pesquisadores percebem maior relevância para a acumulação de capital científico e atribuição de prestígio.

Ter seu trabalho citado é um indicativo importante de validação da produção científica do pesquisador entre seus pares, e não apenas isso. Segundo Nassi-Calò (2014) “Citações converteram-se em moeda valiosa que confere credibilidade, visibilidade e prestígio, transformando-se em proxy de qualidade.” Essa perspectiva preponderante demonstra o quanto a lógica de avaliação institucional, que tem vigorado nos últimos triênios, engendra não apenas o *modus operandi* da academia,

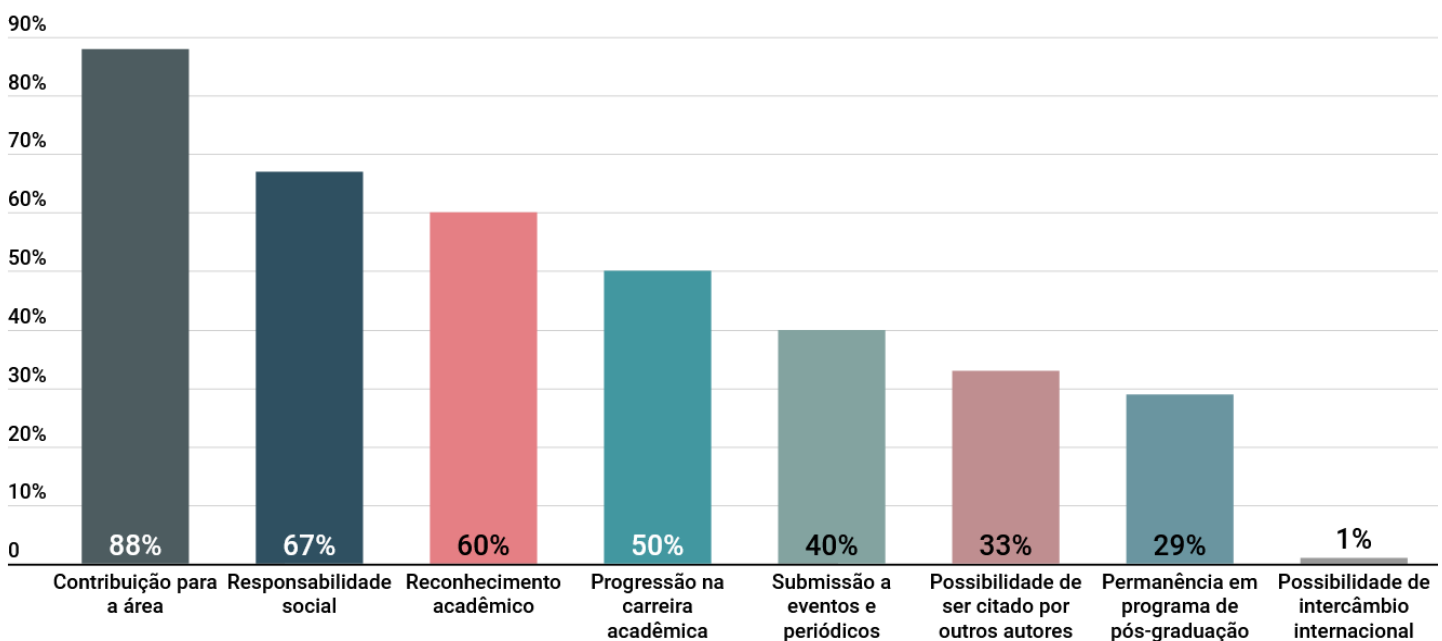


como também as percepções dos pesquisadores da área de Ciência da Informação, que vão ao encontro de estudos precedentes em outras áreas do conhecimento.

Acerca dos “Cargos administrativos” é necessário mencionar que configuram, na percepção dos respondentes, uma forma de reconhecimento acadêmico menos relevante em comparação às outras formas citadas. Ainda que cargos administrativos sejam considerados por uma quantidade expressiva de pessoas (30) que o concebem como “consideravelmente importante” é o item com o **menor** índice de “maior importância” (12) e com o **maior** índice de “nenhuma importância” (9) e de “pouca importância” (17).

As mídias digitais são elencadas na literatura (POSNER, 2000, 2001; CRONIN, 2002) como novas formas de atribuição de capital simbólico, através do reconhecimento fora da academia, como visto anteriormente. É possível notar, a partir do Gráfico 5, que possuir uma ampliação de popularidade através de canais informais de divulgação científica, é o segundo item com maior atribuição de “muito importante” (37) pelos pesquisadores, junto das premiações (37) e da participação como editor de periódico científico (37).

Gráfico 6 - Motivações para produzir trabalhos acadêmicos



Fonte: elaboração própria



As dez palavras com a maior ocorrência entre as respostas foram: “Produção (24); Qualidade (17); Ciência (16); Acadêmico (16); Pesquisa (15) Produzir (15); Reconhecimento (15); Acadêmica (14); Programa (12); Trabalho (11)” ou seja, a questão do produtivismo e da sua relação com o sistema de recompensa, na percepção dos participantes, está articulado à qualidade da produção científica, e com o ato de “produzir”. Discorreremos acerca desses aspectos com maiores detalhes nas análises que seguem.

As respostas para a pergunta 9 também foram classificadas a partir das categorias emergidas das respostas dos pesquisadores, como mostra a Tabela 1.

Tabela 1 – Lógica produtivista e sistema de recompensa

<b>Categorias emergidas</b>	<b>Quantidade de respostas</b>	<b>Quantidade de respostas</b>
<b>Relação direta entre causa e consequência</b>	18	19,35%
<b>Quantidade em detrimento da qualidade</b>	17	18,27%
<b>Sobrecarga para os pesquisadores</b>	14	15,05%
<b>Respostas incoerentes</b>	14	15,05%
<b>Inexistência entre causa e consequência</b>	12	13%
<b>Discurso com aspectos políticos</b>	5	5,37%
<b>Produtivismo corroborado</b>	5	5,37%
<b>Estimula a competitividade e cobrança entre os pesquisadores</b>	4	4,3%
<b>Incompreensão da questão</b>	4	4,3%
<b>TOTAL</b>	<b>93</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria.

A partir da Tabela 1 vemos que dezoito pessoas responderam que existe uma relação direta de causa e consequência, afirmando que quanto maior a produção, maior o reconhecimento. A expressão que melhor representa essas ocorrências está abaixo elencada:

A lógica produtivista na ciência e a recompensa acadêmica sustentam o formato atual que mantém uma **elite de cientistas**, ou seja, quanto mais citações, **mais publicações maior será o reconhecimento**. E as pessoas que mais publicam e conseqüentemente são mais citadas, são as que possuem maior "patrocínio" ou que têm condições financeiras (seja através de financiamento de agências de fomento, seja por ser financeiramente estável) de pagar valores exorbitantes para publicação em periódicos renomados. (Resposta do participante 27)

De acordo com a perspectiva desses pesquisadores, o número de publicações influencia diretamente nas recompensas e no reconhecimento dos cientistas. Não obstante, também foi elencado pelos participantes que o modelo de avaliação atual sustenta uma certa elite de pesquisadores, tal perspectiva vai ao encontro da teoria de Bourdieu (2004) a respeito dos “dominantes” do campo científico, os quais atuam na manutenção da estrutura consolidada do campo, uma vez que ela representa seus interesses e lhes concede vantagens.

Dessa forma, na percepção de dezessete participantes a avaliação pautada em métricas ampara a lógica produtivista, de modo que se privilegia aquilo que pode ser quantificado, em detrimento da qualidade. Sendo assim, as respostas abaixo representam esse ponto de vista:

Viramos **números ao invés de pessoas**. Não importa realmente o que pesquisamos, mas que resultados numéricos isso pode trazer ao programa. (Resposta do participante 4)

A lógica produtivista pode influenciar o sistema de recompensa acadêmico sempre que existe a pressão pela **publicação a qualquer custo** ("publish or perish"), em **detrimento da qualidade**/relevância dessa pesquisa para o próprio pesquisador e/ou para a academia/sociedade. (Resposta do participante 33)

A partir das respostas acima é possível observar aspectos supracitados que dizem respeito à qualidade das publicações. Trein (2011), Godoi e Xavier (2012), trazem essa questão em seus trabalhos, uma vez que apontam as formas de avaliação focadas em números de publicações e números de citações, muitas vezes sem levar em consideração aspectos qualitativos. Também foi elencado pelos respondentes aspectos relacionados a repetitividade de trabalhos e às publicações fatiadas, que podem ser utilizadas para aumentar o índice de publicações de um pesquisador, e que muitas vezes é utilizado como artifício para que estes possam cumprir a meta necessária para os programas de pós-graduação.

Entre os respondentes, quatorze pessoas afirmaram que a lógica produtivista, ainda que possa recompensar os pesquisadores de alguma forma, possui impactos negativos na saúde física e mental. Relatos como: **“Pressão; Sobrecarga; Neurose para produzir; Stress; Trabalhar incansavelmente em níveis sobre humanos; Baixa valorização do profissional/estudante”** fazem parte das respostas desse grupo de pesquisadores. A respeito da saúde física e mental dos pesquisadores, Godoi e Xavier (2012), afirmam que o trabalho em excesso traz efeitos negativos aos

pesquisadores, os quais aumentam suas horas de trabalho para atingir objetivos e metas estabelecidas, as consequências são tão danosas que professores que possuem maior produção científica são os que mais apresentam incidência de doenças cardiovasculares.

Contudo, na perspectiva de doze pesquisadores, não há necessariamente uma relação de causa e consequência entre produtivismo e sistema de recompensa. Para esse grupo, a lógica produtivista atinge a todos os pesquisadores, mas não há necessariamente recompensas por produzir em larga escala.

Penso que a lógica produtivista atinge a toda comunidade científica, porém o sistema de recompensa é **restrito e seletivo**. Muitas vezes, a forma de seleção é desigual e envolve muito juízo de valor. (Resposta do participante 91)

A lógica produtivista na Ciência atua de forma **desigual** e não contribui para a manutenção e desenvolvimento de recompensa acadêmica. Pagamos para produzir, porque nosso tempo, articulação cognitiva, relevância de produção **não são valorizados de igual valor**. (Resposta do participante 71)

É notável a percepção dos participantes no que se refere a disparidade em relação àqueles que são verdadeiramente recompensados pelos seus trabalhos, de modo que simplesmente ser um pesquisador ativo que publica uma quantidade significativa de trabalhos, não necessariamente garante recompensas no meio acadêmico, uma vez que a forma de avaliação não parece, na perspectiva desse grupo, justa para todos.

Cinco pesquisadores possuem uma visão fundamentada em aspectos políticos sobre o tema, de modo que consideram o sistema capitalista e a mercantilização no contexto do produtivismo e do sistema de recompensa. Desse modo, percebem atrelada à ciência a lógica de mercado, onde os pesquisadores se constituem em força de trabalho, e o resultado dos estudos se constituem em mercadoria.

As ciências são passíveis de **mercantilização** como todas as áreas das sociedades diante do **sistema capitalista**. Nesse sentido, os pesquisadores precisam produzir para que se mantenham relevantes, tenham fomento para suas pesquisas e possam dar seguimento a elas. O sistema de recompensa acadêmica é uma **lógica capitalista** de manutenção da lógica produtivista, própria ao sistema capitalista. (Resposta do participante 2)

Segue a **lógica capitalista e patriarcal**. Se olharmos quem ocupa os cargos e/ou posições de destaque dentre a área acadêmica, ver-se-á que são sempre (a maioria) homens, do Sul e Sudeste e brancos. (Resposta do participante 47)

Desse modo, é possível observar que, na perspectiva desses pesquisadores, o sistema capitalista e a lógica de mercado incidem sobre a ciência e sobre as práticas científicas, bem como recaem sobre todos os campos da sociedade. Tal perspectiva vai ao encontro do texto da autora Eunice Trein (2011), que diz: “No modo de produção capitalista, há um empuxo irresistível na conversão de todos os objetos e atividades úteis ao homem (sejam úteis ao estômago ou a fantasia, repetimos) em mercadoria.” Desse modo, quando se fala em mercadoria, pressupõe-se um valor de troca, ou seja, o conhecimento científico podendo ser mercantilizado e convertido em outras formas de capital simbólico ou de recompensas características do meio acadêmico.

Alguns pesquisadores (3) percebem que a lógica produtivista na ciência vulnerabiliza a produção do conhecimento pelo conhecimento e cria um ambiente de competitividade e cobrança entre os pesquisadores. Desse modo, os respondentes acreditam que o pesquisador deva prestar sua contribuição para a ciência afora as possíveis recompensas que possam ser conquistadas.

Destacam-se algumas respostas no sentido de que o sistema de recompensa e o processo de avaliação existente fazem parte da prática científica e que publicar, portanto, é prestar contas à sociedade, como mostra a resposta abaixo:

Eu não entendo o processo de avaliação como lógica produtivista, entendo como **responsabilidade social de prestar conta do meu papel de pesquisadora para a sociedade**. A prestação de contas precisa ser feita por alguns indicadores, e a minha pontuação é parte do processo de prestação de contas, de como estou exercendo minha responsabilidade [...] **(Resposta do participante 43)**

Esse ponto de vista desvela uma certa contradição, uma vez que se resume a perspectiva da responsabilidade social do pesquisador à produção científica. Com isso, vemos uma certa manifestação de alienação à atividade do pesquisador por parte dos participantes que foram ao encontro dessa perspectiva, reduzindo o engajamento social à publicação de artigos.

No que concerne os indicadores citados em algumas respostas, compreende-se a necessidade de agências financiadoras como a CAPES avaliarem o desempenho dos pesquisadores e dos Programas de Pós-Graduação do Brasil, conforme Costa e Barbosa Filho (2021) “a avaliação é substancial em termos éticos e de prestação de contas por parte dos docentes que recebem financiamento para realização de suas pesquisas [...]”. Há ainda autores que defendem que não há ciência sem avaliação, e que os sistemas de avaliação vigentes avaliam aquilo que pode ser demonstrado (CURTY, 2010, p. 62). Contudo, a problemática se dá em torno do modelo de

avaliação ser pautado pela produtividade, que, inclusive, pode desqualificar um pesquisador por sua “falta de produtividade” como aponta Café, Ribeiro e Ponczek (2017, p. 82):

Dessa forma não faltam exemplos de pesquisadores brasileiros dotados de elevados capitais científicos que tiveram, em algum momento da história, suas trajetórias acadêmicas desconsideradas ao serem rotulados como improdutivos por não terem publicado artigo de periódico científico, de preferência internacional, em determinado espaço temporal de avaliação.

Sendo assim, se faz necessário pensar a respeito de um sistema avaliativo que não adoeça os pesquisadores e que não se aplique o conceito de regulação e controle, sem espaço para reflexão e interrogação (SGUISSARDI, 2006, p. 52), que seja, portanto, um instrumento que contribua para que haja melhorias nos programas de pós-graduação.

Para alguns pesquisadores, ser reconhecido serve como incentivo para produzir. De fato, o reconhecimento é uma forma de motivação, inclusive, observa-se no Gráfico 6 que o Reconhecimento acadêmico foi apontado pelos pesquisadores como a terceira maior motivação para produzir trabalhos acadêmicos, mas devemos lembrar que o reconhecimento depende da publicação (MERTON, 2013) e que o reconhecimento, além da satisfação pessoal, “é a moeda de troca através da qual os pesquisadores individuais podem alcançar melhores posições na hierarquia acadêmica” (GUIMARÃES; HAYASHI, 2016).

Finalizando, quatro pessoas afirmaram não saber o que era sistema de recompensa, ou demonstraram uma certa incompreensão ao que foi perguntado.

Após a análise das perspectivas acerca do produtivismo e do sistema de recompensa, visto que o quantitativo de produção acadêmica se constitui em um importante critério de avaliação, e, como supracitado, determinante principalmente para a progressão acadêmica, e para o sistema de recompensa, vê-se na literatura (BAYER; ASTIN 1975; OROZCO, 1998) que tal sistema beneficia os pesquisadores do sexo masculino, uma vez que as mulheres possuem jornadas duplas, triplas, que não permite que elas disponham do mesmo tempo de dedicação à pesquisa que seus colegas.

A partir dessa afirmação foi perguntado aos pesquisadores da Ciência da Informação quais os elementos, que em sua percepção, preponderam para que pesquisadoras do sexo feminino sigam em desvantagem em relação ao tempo de





Tabela 2 – Disparidade de gênero em relação à produtividade

<b>Categorias emergidas</b>	<b>Quantidade de respostas</b>	<b>Quantidade de respostas</b>
<b>Acumulo de funções e maternidade</b>	48	51,6%
<b>Patriarcado e machismo estrutural</b>	24	25,8%
<b>Não há disparidade</b>	13	14%
<b>Situação socioeconômica e falta de políticas públicas</b>	5	5,38%
<b>Depende da estrutura familiar</b>	2	2,15%
<b>Resposta incoerentes</b>	1	1,07%
<b>TOTAL</b>	<b>93</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 2, portanto, corrobora o que foi mostrado a partir da Nuvem de palavras (Figura 4). Questões relacionadas ao acúmulo de tarefas e principalmente relacionadas à maternidade são as principais intervenientes, na percepção de 48 pesquisadores, para que as pesquisadoras do sexo feminino se mantenham em desvantagem ao que tange seu tempo de dedicação à academia, e, conseqüentemente, publiquem menos e sejam menos valorizadas no sistema de recompensa acadêmico.

Ainda há uma **desigualdade** entre as tarefas domésticas e **cuidado com a prole** entre famílias com gêneros distintos, e, em geral, essa disparidade faz com que mulheres tenham uma carga maior de trabalho (inter e externo ao lar). Como ser produtivo academicamente de modo igual se nossas atividades são **maiores**? Isso vem mudando, mas espero que regularize o mais breve possível! (Resposta da participante 82)

O **desamparo** com a questão da maternidade e a dificuldade de conciliar a vida profissional/acadêmica com questões familiares. (Resposta da participante 6)

A respeito da diferença de produtividade entre homens e mulheres, autores como, Bayer e Astin, (1975); Cole (1973) e J. Scott Long (1990), apontam que a maternidade e o acúmulo de funções podem fazer com que as mulheres pesquisadoras diminuam seu ritmo de trabalho e, portanto, publiquem menos. Estudos atuais como por exemplo os do grupo *Parent Science*, criado pela professora Fernanda Staniscuaski da UFRGS, mostram que a desigualdade de gênero na estrutura de poder na academia ainda existe, e aumentou durante a pandemia.

Segundo o levantamento, 70% dos homens estavam conseguindo manter a rotina de trabalho acadêmico durante a pandemia, contra apenas 50% das mulheres. Já do grupo de mulheres com filhos, apenas 45% estavam conseguindo produzir, contra 65% dos homens com filhos. Se considerado o recorte racial, apenas 45% das mulheres negras estavam conseguindo trabalhar no período. (AdUFRJ, 2020)

O fato de os filhos estarem em casa em tempo integral durante a pandemia demandou das famílias uma reorganização, ainda que a dispensa das aulas acarrete responsabilidades para pais de maneira ampla, tradicionalmente são as mulheres que carregam o fardo mais pesado. Tratando-se de mulheres pesquisadoras, ao invés de dedicar seu tempo a escrever trabalhos, elas acabam dispendo de mais atenção aos filhos e afazeres domésticos. (STANISCUASKI; *et al*, 2020).

Assuntos relacionados à maternidade merecem destaque na academia, uma vez que impacta diretamente na vida das pesquisadoras, principalmente se tratando dos primeiros anos de vida dos bebês (BOUERI; ASSIS, 2018). Contudo, muitas agências de fomento acabam não levando em consideração esse período de baixa produtividade, podendo acarretar uma queda no acesso a financiamentos de pesquisa. Merece destaque que a partir de abril de 2021 passou a ser possível registrar os períodos de licença-maternidade das pesquisadoras no currículo Lattes, tal mudança ocorreu a partir do o pedido feito em 2019 pelo grupo *Parent Science*, no intuito de que tal período seja formalmente observado pelas agências no lugar de um “vazio” no currículo em relação à produção das pesquisadoras.

Não obstante, para 21 participantes da nossa pesquisa, tais desvantagens de gênero acontecem primordialmente por conta do patriarcado e do machismo estrutural.

Questões culturais que massacram as mulheres e que podem ser explicitadas por meio do machismo, predominância de cargos ocupados por homens (basta ver os cargos ocupados em universidades, Capes, etc), descrédito ao trabalho de mulheres. Machismo disfarçado e institucionalizado que nem as próprias mulheres percebem isso. (Resposta da participante 23)

A partir dessa perspectiva, questões estruturais da sociedade refletem no campo científico, onde o machismo, sexismo e a violência simbólica contra as mulheres se projeta. A violência simbólica acontece quando há um poder simbólico de uma classe sobre outra, esse poder simbólico se edifica e se revela através de sistemas simbólicos, como a língua, a arte e a religião. Como aponta Bourdieu (1989), os

[...] sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação de dominação, que contribuem para assegurar a

dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica), contribuindo, assim, segundo a expressão de Weber, para a “domesticação dos dominados” (BOURDIEU, 1989, p. 11).

No âmbito universitário, os participantes da pesquisa disseram perceber a violência simbólica nos espaços a partir, por exemplo, de um olhar machista advindo de avaliadores de revistas e eventos, a predominância de homens em espaço de poder que acabam atuando na manutenção da ocupação desses cargos por outros homens, também foi elencado entre os respondentes a percepção de que há uma sobrevalorização do trabalho do homem em detrimento ao da mulher, também a visão machista que coloca em dúvida a capacidade das mulheres na academia, e a falta de credibilidade dada à mulher.

No entanto, treze participantes afirmaram não perceber tal disparidade na ciência, principalmente na Ciência da Informação, sendo essas 6 mulheres e 7 homens. Para alguns, não existe nenhuma disparidade, para outros, o fato de perceberem numericamente mais mulheres no espaço dos PPG's em CI, configura equidade entre homens e mulheres e até mesmo superioridade feminina nesse espaço. De fato, é perceptível na área da Ciência da Informação e da Biblioteconomia a predominância de mulheres, assim como em outros campos do conhecimento tradicionalmente ligados à identidade feminina, como Psicologia, Linguística, Nutrição, Serviço Social, Fonoaudiologia, Economia Doméstica e Enfermagem, que remetem aos papéis de gênero ligados à doação, ao cuidado e à maternidade. Enquanto homens se dedicam a áreas de exatas, tecnologia e computação (MOREIRA; MATTOS; REIS, 2014).

Tal movimento demonstra que, ainda que as mulheres configurem maioria em determinados espaços, existe uma motivação muito ligada à construção social e ao machismo que as condiciona a determinadas áreas do conhecimento.

Geralmente, os indivíduos que integram a rede de acadêmicos dos respectivos cursos acabam por estratificar o conjunto de homens e mulheres, delimitando espaços a que cada gênero pode ou não frequentar e criando estereótipos com características singulares e muito específicas de cada curso como se a sociedade acadêmica tivesse por base um tipo de “seleção” rigorosa feita com aqueles que querem adentrar em determinado curso. (ROCHA; MOREIRA, 2017, p. 4)

Ou seja, ter numericamente mais mulheres do que homens em determinado espaço não significa que tal espaço não seja acometido por violências simbólicas de gênero e pelo patriarcado, lembrando que a violência simbólica é aquela sutil, às vezes imperceptível, mas que pode ser propulsora de outras formas de violência.

Na visão de cinco respondentes, a situação socioeconômica e a falta de políticas de incentivo são as maiores responsáveis pelas diferenças de gênero em relação à produtividade. A partir dessa perspectiva, mulheres com menor renda podem vir a dedicar mais tempo a tarefas domésticas, podem também não ter insumos suficientes para suas pesquisas, para participação em eventos, e para investir nos seus estudos. Ilustram as perspectivas manifestadas por esses respondentes o texto abaixo:

É preciso avaliar cada **situação socioeconômica**, pois para mulheres que têm renda menores, podem precisar dedicar mais tempo à vida doméstica, enquanto a sociedade ainda alimenta papéis nos quais apenas as mulheres fazem as atividades domésticas e os homens podem se ver livres para trabalhar em período integral de seu dia. Nesses casos, é preciso estudar como poderia proceder sobre auxílios para que mulheres possam exercer seu papel acadêmico de forma justa e igualitária sem que seja prejudicada em sua vida pessoal, uma vez que bolsas estão cada vez mais sendo retiradas de pesquisas em instituições públicas. **(Resposta da participante 9)**

Dessa forma, os pesquisadores apontam que, em sua perspectiva, os programas de pós-graduação carecem de políticas de incentivo e auxílio financeiro para equiparar desigualdades socioeconômicas e também para apoiar as mulheres quanto à maternidade.

Outros dois participantes não atribuem exclusivamente a desigualdade de produção entre homens e mulheres à maternidade e às tarefas domésticas, uma vez que entendem que depende da estrutura familiar da pesquisadora, ou seja, depende da sua rede de apoio. Para esses participantes, ser mãe não implica necessariamente em uma baixa produção, se a pesquisadora tiver o apoio necessário para lidar com essas questões.

Na questão número 11 os participantes comentaram se consideravam que existem ou não disparidades de gênero e raça no meio acadêmico. As respostas foram separadas nas categorias elencadas na Tabela 3:

Tabela 3 – Disparidade de gênero e raça

<b>Você considera que existem disparidades de gênero e raça no meio acadêmico?</b>	<b>Quantidade de respostas</b>	<b>Quantidade de respostas</b>
<b>Considero que existe</b>	85	91,40%
<b>Não considero que existe</b>	6	6,45%
<b>Não sei/Não quero opinar</b>	2	2,15%
<b>TOTAL</b>	<b>93</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria.

Observamos que 85 participantes (91,4%) consideram que as disparidades existem no meio acadêmico, uma vez que elas também existem na sociedade como um todo. Segundo os respondentes, as disparidades de raça começam pelo acesso de pessoas pretas, pardas e indígenas à universidade, pois observam que entre colegas docentes e discentes há a predominância de pessoas brancas, principalmente na pós-graduação. As respostas mais representativas dessa questão estão apresentadas abaixo:

Sim, principalmente no que concerne à raça, pois o número de pretos, pardos e indígenas na pós-graduação é pequeno em relação aos brancos. Isso também se manifesta de forma mais clara em determinadas áreas do conhecimento, como engenharias e saúde. (Resposta do participante 78)

Sem dúvidas. O meio acadêmico não está fora da sociedade como um todo. Não vivemos numa bolha, refletimos o que é a sociedade atual. A disparidade de gênero vem mudando, e para observar isso, podemos verificar quantas cadeiras são ocupadas por mulheres/homens na universidade. Porém, quanto à raça, ainda há um longo caminho pela frente. As raízes desses problemas são profundas e fortes. (Resposta do participante 39)

De fato, devemos levar em consideração que questões enraizadas na sociedade refletem no meio acadêmico, como diz Bourdieu (2004), a ciência não é neutra, o campo científico é reflexo da sociedade em que ele se insere, e a ideia de uma ciência neutra é "uma ficção interessada que habilita seus autores a apresentar uma representação do mundo social, neutro e eufêmico (...)" (BOURDIEU, 2004).

Cabe ressaltar que as seis pessoas que responderam não considerar que existam disparidades de gênero e raça no meio acadêmico são brancas, sendo elas 3 mulheres e 3 homens. Na percepção desses participantes, há hoje em dia uma equidade entre homens, mulheres, pessoas brancas, pretas, pardas e indígenas dentro da universidade.

Contudo, estudos citados anteriormente sobre a participação de pessoas pretas e pardas na Universidade, principalmente em relação à pós-graduação, demonstram que há uma discrepância de raça muito grande, de modo que pessoas brancas representam números bem maiores no meio acadêmico, seja como alunos ou em posições de poder como professores, reitores, etc. (INEP, 2019; IBGE, 2021; UNILAB 2014; Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, 2020)

Silvio Almeida aborda em sua obra “Racismo Estrutural” três concepções de racismo: o racismo individualista, institucional e estrutural. Na concepção individualista, o racismo é concebido como uma patologia ou anormalidade e “seria um fenômeno ético ou psicológico de caráter individual (ALMEIDA, 2021)”, algo atribuído a um indivíduo em particular, o que desconsidera totalmente o efeito do racismo ao longo da história, limitando-o a um olhar raso sob o aspecto da individualidade de cada um.

O racismo institucional, segundo Almeida (2021), “não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça.” Ou seja, o racismo está para além de uma questão do indivíduo, ele é aportado pelas instituições, que, por sua vez, carregam conflitos existentes na sociedade.

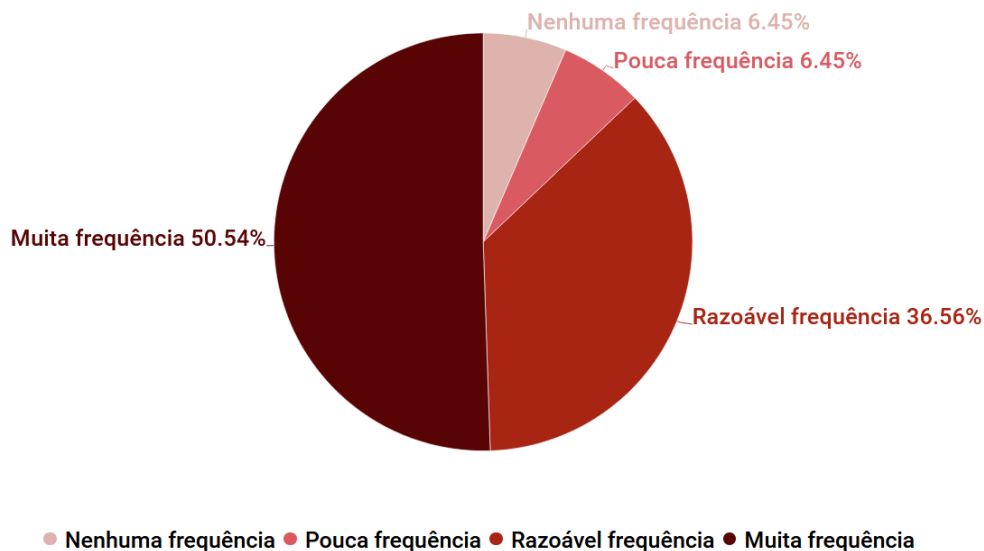
No caso do racismo institucional, o domínio se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo social no poder. [...]. Assim o domínio de homens brancos em instituições públicas - o legislativo, o judiciário, o ministério público, reitorias de universidades, etc. - e privadas, depende, em primeiro lugar da existência de regras e padrões que direta ou indiretamente dificultem a ascensão de negros e/ou mulheres, e, em segundo lugar, da inexistência de espaços em que se discuta a desigualdade racial e de gênero, naturalizando, assim, o domínio do grupo formado por homens brancos. (ALMEIDA, 2021, p. 40-41)

Ou seja, enquanto o racismo individualista está ligado a atos individuais das pessoas como ofensas, ferimentos e até mesmo a morte, sendo algo de fácil identificação, o institucional se dá de maneira sutil e muitas vezes difícil de identificar, o que não significa que seja menos nocivo. Por esse motivo, não surpreende que os pesquisadores que disseram não considerar que existam disparidades de raça no meio acadêmico sejam brancos, pois essa disparidade e essa forma de racismo são tênues, e, portanto, é percebido primordialmente por aqueles que sofrem, pelas pessoas pretas e pardas, as quais relataram encontrar mais dificuldades no acesso à

universidade, e na progressão acadêmica, tanto por questões socioeconômicas quanto pelo racismo estrutural, que é a concepção de que o racismo faz parte da ordem social, onde as instituições estão inseridas, ou seja, permeia a sociedade e é reproduzido pelas instituições. (ALMEIDA, 2021).

Após responderem se consideram ou não se existem disparidades de gênero e raça no meio acadêmico, foi perguntado com que frequência os participantes percebem que essas disparidades acontecem. As porcentagens das respostas estão representadas pelo Gráfico 7.

Gráfico 7 - Com que frequência as disparidades acontecem no meio acadêmico



Fonte: Elaboração própria

Como podemos perceber, a maioria das pessoas (47) (50,54%) considera que as disparidades de gênero e raça acontecem com muita frequência no meio acadêmico. Dessas, 26 (55,32%) se autodeclararam brancas, 9 (19,15%) se autodeclararam pretas, 11 (23,40%) se autodeclararam pardas e uma (2,13%) se autodeclara amarela. O número de pessoas brancas se sobressai em todas as categorias visto que são a maioria absoluta de respondentes, contudo, chama a atenção que das 15 pessoas que se autodeclararam pretas em nosso estudo, a maioria delas (9) marcou a opção “muita frequência” na referida questão.

Para 34 (36,56%) pesquisadores, as disparidades de gênero e raça acontecem com razoável frequência no meio acadêmico. Ou seja, para a maioria das pessoas as

disparidades existem e acontecem com razoável ou muita frequência, visto que as duas categorias somam 81 (87,1%) do total de participantes.

A menor parte dos pesquisadores acredita que as disparidades de gênero e raça acontecem com pouca (6) (6,45%) ou nenhuma frequência (6) (6,45%). Como foi dito anteriormente, as pessoas autodeclaradas brancas representam a maioria dos respondentes de todas as alternativas trazidas pela questão, mas pontuamos aqui que as pessoas autodeclaradas pretas e pardas se concentraram nas duas primeiras alternativas “muita frequência” e “razoável frequência” demonstrando mais uma vez que são as pessoas acometidas por essas disparidades que mais as percebem. Para sintetizar, a partir da Tabela 4 vemos o total de pessoas brancas, pretas, pardas e amarelas, e quais as opções marcadas por elas nessa questão.

Tabela 4 – Disparidade de gênero e raça

Raça	Participantes (total)	Número de participantes que marcou a opção “com muita frequência”	Número de participantes que marcou a opção “com razoável frequência”	Número de participantes que marcou a opção “com pouca frequência”	Número de participantes que marcou a opção “com nenhuma frequência”
Branca	54	26	21	3	4
Preta	15	9	4	1	1
Parda	23	11	9	2	1
Amarela	1	1	0	0	0
<b>TOTAL</b>	<b>93</b>	<b>47</b>	<b>34</b>	<b>6</b>	<b>6</b>

Fonte: Elaboração própria.

Por fim, “Discorra acerca de fatores que, no seu entendimento, se constituem como intervenientes em relação à produção científica no que concerne a gênero e raça?” Foi a última questão do instrumento de pesquisa. A partir dessa pergunta buscamos compreender qual a percepção dos pesquisadores acerca das disparidades de gênero e raça na ciência e suas implicações na produção científica.

Como nas demais questões abertas, criamos uma nuvem de palavras para visualizar as expressões mais repetidas dentre as respostas dos pesquisadores, seguindo o mesmo método das nuvens de palavras anteriores.





Tabela 5 – Fatores intervenientes em relação a produção científica no que concerne gênero e raça

Fatores intervenientes em relação a produção científica no que concerne gênero e raça	Quantidade de respostas	Quantidade de respostas
Fatores acerca do gênero e da raça	41	44%
Apenas fatores acerca do gênero	14	15,05%
Apenas fatores acerca da raça	4	4,3%
Respostas incoerentes	12	13%
Não entenderam/não opinaram	15	16,13%
Não percebem disparidades	7	7,52%
<b>TOTAL</b>	<b>93</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria.

No primeiro momento, observamos como os pesquisadores demonstraram dificuldade em discorrer sobre fatores acerca da raça, uma vez que tais elementos aparecem nas 41 respostas que tratam dos dois assuntos concomitantemente e em outras 4 respostas que abordaram primordialmente a questão das disparidades de raça. Dessa forma, em 52 respostas não foi apontado nenhum elemento sobre qualquer desigualdade racial interveniente dentro da academia em relação à produção científica.

Para as 41 pessoas que articularam questões raciais e de gênero em suas respostas, os principais fatores que se constituem como intervenientes em relação à produção científica são: **maternidade, dupla jornada, preconceito racial, preconceito de gênero, racismo estrutural e questões socioeconômicas**. Dessa forma, os pesquisadores percebem, como já fora mencionado em questões anteriores, a jornada extra da mulher fora a academia (filhos, tarefas domésticas, etc.) como principal motivo para haver discrepância de produtividade entre mulheres e homens, para além disso, o preconceito aparece em muitas das respostas, de modo que mulheres e pessoas negras, e principalmente mulheres negras são as maiores vítimas, pois acumulam ambos os tipos de discriminação tanto na sociedade como na academia.

Outro quesito apontado pelos respondentes foi o “fator socioeconômico” de modo que os participantes percebem que questões sociais afastam pessoas negras e indígenas da academia, visto que a maioria dessas pessoas ainda fazem parte da

camada mais pobre da sociedade. Abaixo está elencada a resposta que melhor representa tal ideia:

Em relação a **mulher**, é a carga que ela carrega por ser mulher como a responsável por ser profissional, dona de casa e mãe, assim ter um grande número de funções e **se sobrecarregar**. Em relação a **raça**, o negro na sociedade brasileira carrega um grande **fardo histórico**, tem pouco mais de de um século que a houve a abolição dos escravos, faz menos tempo ainda que eles poderão ter acesso a educação e agora que está crescendo o número de negros no ensino superior, e a realidade é que a maioria dos negros vem de família humilde em que conseguiram entrar no ensino superior mas tem que continuar trabalhando para sustentar a família, o que **sobrecarrega** a pessoa e a produção acadêmica acaba ficando de lado e não sendo uma prioridade. (Resposta do participante 83)

Segundo o informativo “Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil” do IBGE (2019), a partir da avaliação do rendimento médio domiciliar per capita, vemos que as pessoas brancas ainda aparecem como as que possuem maior rendimento, sendo que 70% delas possuem 10% do **maior rendimento** per capita no Brasil, e 75% das pessoas pretas possuem 10% do **menor rendimento**. O que corrobora a visão dos pesquisadores de que fatores socioeconômicos influenciam não apenas no ingresso de pessoas pretas na Universidade, como também na permanência, na progressão dessas pessoas para a pós-graduação, uma vez que, como também foi apontado pelos participantes, esses pesquisadores precisam investir seu tempo em trabalho para além da academia, não podendo exclusivamente se dedicar à pesquisa.

Atrelando tais questões ao sistema de recompensa e ao produtivismo, percebemos como tal sistema pode ser injusto com aqueles que precisam enfrentar diversas barreiras antes mesmo de conseguir ingressar em uma Universidade, e a partir de uma lógica pautada em quantidade de produção, acabam por ter desvantagem no sistema avaliativo quando já estão inseridos no meio acadêmico, o que pode prejudicar sua trajetória como pesquisador, e pode ser uma das causas de observarmos tão poucos professores e professoras negras nos cursos de graduação e de pós-graduação.

Dessa forma, 14 participantes elencaram apenas fatores relacionados à gênero na questão, de modo que acabaram repetindo o que haviam respondido em questões anteriores, corroborando a ideia de que mulheres possuem mais atividades fora da academia, e não fazendo nenhuma menção a questões raciais nessa pergunta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação apresentada teve como objetivo compreender as percepções acerca do sistema de recompensa na ciência e das disparidades em relação ao gênero e a raça no tocante ao acesso ao capital científico por docentes e discentes dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil.

A perspectiva teórica adotada imbricou a problematização da lógica de mercado capitalista, de modo que, através da literatura foi possível constatar que o produtivismo é um elemento interveniente no campo científico, responsável pela instrumentalização da produção científica, podendo gerar literatura de baixa qualidade, adoecimento psíquico e físico dos pesquisadores e adoção de práticas não éticas em prol do cumprimento de metas e de uma possível recompensa pela produtividade, que não necessariamente se cumpre.

Nesse sentido, intencionou, a partir de manifestações de atores sociais que tenham vínculo formal com Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação, a literatura com os dados obtidos através de um instrumento de pesquisa. As discussões são produto de inquietações da autora do estudo concatenadas a tensionamentos teóricos advindos da Sociologia da Ciência, quais sejam: Merton e Bourdieu. Através dessa linha de inteligência que confrontou ideias de cunho funcionalista com constructos teóricos relativos à teoria Bourdiesiana, permitindo a ampliação de reflexões em relação a aspectos como as disputas no campo científico no tocante a obtenção de capital simbólico, o sistema de recompensas e as questões estruturais da sociedade que são reproduzidas no campo e afetam a produção científica.

As análises permitiram identificar, a partir da pluralidade de características relativas aos respondentes, docentes e alunos de pós-graduação em Ciência da Informação, com idades entre 20 e 61 anos, de diferentes regiões do Brasil, suas percepções a respeito do sistema de recompensa e suas disparidades.

A respeito dos atributos de reconhecimento acadêmico, os participantes elencaram a citação por outros autores como o elemento preponderante, em sua perspectiva, para obtenção de prestígio e de posterior acúmulo de capital científico. Contudo, em relação a motivação dos respondentes para produzir trabalhos acadêmicos, a contribuição para a área e a responsabilidade social se sobressaem como componentes que mais os motivam.

A percepção da maioria dos pesquisadores a respeito da articulação do sistema de recompensa e o produtivismo é de que existe uma relação direta entre causa e consequência, ou seja, a ideia de que produzir em grande quantidade é essencial para obtenção de recompensas. Contudo, grande parte dos respondentes percebe que existe uma supervalorização da quantidade de trabalhos em detrimento da qualidade, que pode vir a desencadear um número expressivo de trabalhos com pouca relevância científica.

Tratando-se da disparidade de gênero, a maternidade ganha destaque entre as respostas obtidas, uma vez que se consagrou como elemento de maior relevância no que se refere a desigualdade de gênero em relação à produtividade. Dessa forma, o acúmulo de tarefas atribuídas às mulheres como: filhos, tarefas domésticas, trabalho e academia, as coloca em desvantagem no que se refere ao tempo disponível para a pesquisa e para a produção científica.

A partir do estudo foi possível observar que a maioria dos pesquisadores percebe que existem disparidades de gênero e raça no meio acadêmico, e que tais disparidades acontecem com muita e com razoável frequência. Contudo, menos da metade dos respondentes discorreu acerca de fatores relacionados à raça que intervêm na produção científica. Sendo assim, as respostas obtidas desvelam contradições e tensionamento a partir das percepções acerca da própria área.

Nesse sentido, metodologias que se valham da contribuição da sociologia da ciência como as aqui apresentadas são importantes para a Ciência da Informação, uma vez que permitem estudar aspectos relativos à produção do conhecimento de maneira conjunta com questões sociais que intervêm no campo científico e na prática científica dos pesquisadores. É importante, portanto, que se relacione estudos da informação com estudos da sociedade, porque toda informação gerada parte de indivíduos que fazem parte da estrutura social e institucional, onde existem relações de poder e tensionamentos que afetam a produção científica.

## REFERÊNCIAS

AAHE-ERIC/Higher Education Research Report. **The academic reward system**, v.8, p. 26-35, 1979.

AdUFRJ. **Desigualdade na Academia**: elas são maioria. Eles ocupam o poder. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://adufrij.org.br/index.php/pt-br/noticias/arquivo/21-destaques/3175-pandemia-prejuizo-academico-de-pesquisadoras-e-maior>. Acesso em: 1 nov. 2021.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo : Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALVES, B. H.; OLIVEIRA, E. F. T. Alguns conceitos da sociologia de Pierre Bourdieu relacionados com a análise de rede social. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 28, n. 3, 28 dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/40892>> Acesso em: 17 abr. 2021

ARAÚJO, Marta; MAESO, Silvia R. O poder do racismo na academia: produção de conhecimento e disputas políticas. *In: O pluriverso dos Direitos Humanos: a diversidade das lutas pela dignidade*. Lisboa: Edições 70, 2019.

ÁVILA, Patrícia. A distribuição do capital científico: diversidade interna e permeabilidade externa no campo científico. **Sociologia: problemas e práticas**, n. 25, p. 9-49, 1997.

BAYER, Alan E.; ASTIN, Helen S. Sex differentials in the academic reward system. **Science**, v.188, p. 796-802. 1975.

BOUERI, Aline Gatto; ASSIS, Carolina de. **Sem considerar maternidade, ciência brasileira ainda penaliza mulheres**. Gênero e Número. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.generonumero.media/sem-considerar-maternidade-ciencia-brasileira-ainda-penaliza-mulheres/>. Acesso em: 1 nov. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.), **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. Coleção Grandes Cientistas Sociais

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma Teoria da Prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**, São Paulo: Editora Ática, 1994, n. 39, p. 46-86. Coleção Grandes Cientistas Sociais.

BOURDIEU, Pierre. Le champ scientifique. **Actes de la recherche en sciences sociales**. Paris: Ed. du Seuil, 1976.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

BOURDIEU, P. **Homo academicus**. Florianópolis: UFSC, 2019.

BOYER, E. **Scholarship Reconsidered: priorities of the Professoriate**. Princeton, NJ: Carnegie Foundation for the Advancement of Teaching, 1990.

CAFÉ, A. L. da P.; RIBEIRO, N. M.; PONCZEK, R. L. A fabricação dos corpos doces na pós-graduação brasileira: em cena o produtivismo acadêmico. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 22, n. 49, p. 75-88, 2017. DOI: 10.5007/1518-2924.2017v22n49p75. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2017v22n49p75>. Acesso em: 1 nov. 2021.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2003. Disponível em: [http://www.capurro.de/enancib\\_p.htm](http://www.capurro.de/enancib_p.htm) Acesso em: 24 ago. 2021.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrílica e crítica: a supremacia racial e o branco anti-racista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v.8, n.1, p. 607-630, jan./jun. 2010.

CARLOTTO, Maria Caraméz. O sentido da aproximação entre ciência e mercado em países periféricos: o mercado científico de patentes e de direitos autorais no Brasil. **XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología**. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: **IBGE**, 2012. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).

CHOU, Chuing Prudence. **Gender differences in the academic reward system: a nation-wide study of university faculty members in Taiwan**. University of California, Los Angeles: 1992

Cole, J. R.; Cole, S. **Social stratification in science**. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1973.

Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras. Só 1 em cada 4 matriculados em programas de mestrado e de doutorado no Brasil é negro. **CRUB**, 2020.

COSTA, Luciana Ferreira da; BARBOSA FILHO, Edilson Teixeira. O produtivismo acadêmico na Pós-Graduação stricto sensu em Ciência da Informação no Brasil. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v.8, n.1, , p. 165-190, abr. 2021

CRONIN, B.; SHAW, D. Banking (on) different forms of symbolic capital. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 14 p. 53, p.1267–1270. nov 2002. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/asi.10140>. Acesso em: 10 maio 2021

CURTY, R. G. **Produção intelectual no ambiente acadêmico**. Renata Curty, 2010.

DING, *et al.* Duplicate and salami publication: a prevalence study of journal policies. **International Journal of Epidemiology**, v.49, p. 281-288, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOI, Christiane Kleinübing; XAVIER, Wlamir Gonçalves. O produtivismo e suas anomalias. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, jun. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-39512012000200012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512012000200012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 10 maio 2021

GRIFFITH, B. C. (Ed.) **Key papers in information science**. New York: Knowledge Industry Publications, Inc., 1980.

GUIMARÃES, Vera Aparecida Lui; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocenti. O ethos científico e a ciência “pós-acadêmica” na visão de pesquisadores brasileiros. **Revista de Historia Iberoamericana**, v.9, p. 28-66, 2016.

HAGSTROM, W. O. **The Scientific Community**. New York: Basic Books, 1965.

HAYASHI, M. C. Sociologia da ciência, bibliometria e cientometria: contribuições para a análise da produção científica. In **Anais eletrônicos do Seminário de Epistemologia e Teorias da Educação**. 2012 Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Graduacao/PETBiblioteconomia/soc-da-ciencia-pet.pdf>. Acesso em: 10 maio 2021

HOCHMAN, G. A ciência entre a comunidade e o mercado: leituras de Kuhn, Bourdieu, Latour e Knorr-Cetina. In: PORTOCARRERO, Vera. (Org.). **Filosofia, história e sociologia das ciências**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994. p. 199-227.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. **Estudos e Pesquisas - Informação Demográfica e Socioeconômica**, n. 41, p. 5, 2019. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf). Acesso em: 15 out. 2021

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. **Estudos e Pesquisas - Informação Demográfica e Socioeconômica**, n. 38, p. 12, 2021. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf). Acesso em: 10 maio 2021

INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.. Notas estatísticas. **Censo da educação superior**, p. 32, 2019.

JIANG, Fan; LIU, Niancai. The hierarchical status of international academic awards in social sciences. **Scientometrics**, v.117, p. 2091–2115, 2018.

KJELLBERG, Sara; HAIDER, Jutta. Researchers' online visibility: tensions of visibility, trust and reputation. **Emerald Insight**. v.43, n.3, 2019.



KUENZER, Acacia Zeneida; MORAES, Maria Célia Marcondes de. Temas e tramas na pós-graduação em educação. **Educ. Soc., Campinas**, v. 26, n. 93, dez. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302005000400015&lng=pt&nrm=i](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000400015&lng=pt&nrm=i) so>. Acesso em: 03 mar. 2014.

KUHLMANN JR. Moysés. Publicação em periódicos científicos: ética, qualidade e avaliação da pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, v.44, n.151, p.16-32, jan./mar. 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Hipóteses. In: \_\_\_\_\_. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Projeto e relatório de pesquisa. In: \_\_\_\_\_. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

MERTON, K. **The Sociology of Science**. University of Chicago Press, 1973.

MERTON, K. **Ensaio de sociologia da ciência**. São Paulo: Editora 34, 2013.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOREIRA, Josilene Aires; MATTOS, Giorgia de Oliveira; REIS, Luana Silva. Um Panorama da Presença Feminina na Ciência da Computação. In: **Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero - REDOR**. 18. Recife: 2014.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento. **Ci. Inf., Brasília**, v. 35, n. 2, p. 27-38, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ci/v35n2/a04v35n2.pdf> Acesso em: 10 maio 2021

NASSI-CALÒ, Lilian. Estudo propõe uma taxonomia de razões para citar artigos em publicações científicas. **SciELO em Perspectiva**, 2014. Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2014/11/07/estudo-propoe-uma-taxonomia-de-razoes-para-citar-artigos-em-publicacoes-cientificas/>. Acesso em: 01 nov. 2021

OECD. Education at a Glance. **OECD Indicators**, p. 9, 2019. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/acoes\\_internacionais/eag/documentos/2019/Country\\_Note\\_EAG\\_2019\\_Brasil.pdf](https://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/eag/documentos/2019/Country_Note_EAG_2019_Brasil.pdf) . Acesso em: 10 maio 2021

O'MEARA, KerryAnn. Encouraging multiple forms of scholarship in faculty reward systems: have academic cultures really changed? **New Directions for Institutional Research**, n. 129, 2006.

OROZCO, Elena Maritza Leon. **Sistema de recompensa na ciência: especificidades e condicionantes em algumas áreas do conhecimento**. 1998. 210f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP. Disponível em:

<<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/286834>>. Acesso em: 10 maio 2021

PLUME, Andrew ; VAN WEIJEN, Daphne . Publish or perish? The rise of the fractional author. **Research Trends**, n. 38, set 2014. Disponível em: <http://www.researchtrends.com/issue-38-september-2014/publish-or-perish-the-rise-of-the-fractional-author/>. Acesso em: 10 maio 2021

POSNER, R.A. Public intellectuals: **A study of decline**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2001.

ROCHA, Alisson Magno. MOREIRA, Ana Paula. O poder simbólico: a prática da violência simbólica de gênero dentro dos muros da academia. *In: **Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas***. 2. Ponta Grossa: 2017.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SCHLENDLINDWEIN, S. L. Viver e publicar. **Boletim Informativo da SBCS**. p. 10-11, 2009.

SCOTT Long, J. Measures The origins of sex differences in science. **Social Forces**, v. 68, n. 4, p. 1297-1315, Jun. 1990.

SEROW, Robert C. Research and teaching at a research university. **Higher Education**, Netherlands, v. 20, p. 449-463, 2000.

SGUISSARDI, V. A avaliação defensiva no “modelo Capes de avaliação”: é possível conciliar avaliação educativa com processos de regulação e controle do Estado? **Perspectiva**, Florianópolis, v. 24, n.1, p. 52, jan./jun.2006.

STANISCUASKI, Fernanda; *et al.* Impact of COVID-19 on academic mothers. **Science**, v. 368, n. 6492, 2020.

TREIN, Eunice. RODRIGUES, José. O mal-estar na Academia : produtivismo científico , o fetichismo do conhecimento-mercadoria. **Revista Brasileira de Educação**, v.16, n.48, p. 769-819, set./dez. 2011.

TULESKI, S. A necessária crítica a uma ciência mercantilizada: a quem servem o publicismo, o citacionismo e o lema “publicar ou perecer”? **Psicologia em Estudo.**, v. 17, n. 1, p. 1-4, 2012

UNILAB. **Temas raciais ganham fôlego nas universidades brasileiras**. SECOM, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2014.

VOLPATO, Gildo. Campo científico, conhecimento e relações de poder na universidade: uma revisão a partir do pensamento relacional de Pierre Bourdieu. **Revista Contrapontos.**, v.19, n.1, jan./jun.2019.

## Apêndice A - Instrumento de Pesquisa

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **As percepções dos pesquisadores em Ciência da Informação a respeito do sistema de recompensa na ciência e suas disparidades** de autoria de Letícia Pereira de Souza, aluna do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que está realizando Trabalho de Conclusão de Curso orientada pelo Professor Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa, docente na FABICO/UFRGS.

Sua participação no estudo é voluntária e anônima e a pesquisa não apresenta riscos previsíveis para os participantes. A sua colaboração será de grande valor para ampliar o conhecimento sobre o sistema de recompensa na ciência.

Todos os dados fornecidos serão mantidos em sigilo e utilizados exclusivamente para fins acadêmicos.

O preenchimento do questionário leva em torno de 09 minutos, mas você pode cancelar a sua participação a qualquer momento, caso se sinta incomodado.

O aluno coloca-se à disposição para qualquer dúvida ou esclarecimento adicional através do e-mail [leticiasouza.rs@hotmail.com](mailto:leticiasouza.rs@hotmail.com) ou celular (51) 996207679

Manifesto expressamente minha concordância em participar da pesquisa descrita acima e concedo permissão para os pesquisadores usarem os dados coletados, sem, no entanto, menção aos meus dados pessoais.

Não desejo participar da pesquisa descrita acima.

**Perguntas de perfil.**

**1 Em relação ao seu vínculo institucional:(Marque mais de uma alternativa se necessário)**

- Docente
- Discente

**2 No que se refere a sua faixa etária você tem:**

- entre 20 e 25 anos
- entre 26 e 30 anos
- entre 31 e 35 anos
- entre 36 e 40 anos
- entre 41 e 45 anos
- entre 46 e 50 anos
- entre 51 e 55 anos
- entre 56 e 60 anos
- 61 anos ou mais

**3 Qual o seu gênero?**

- Feminino
- Masculino
- Não-binário
- Prefiro não responder

**4 A cor ou raça que você se autodeclara é:**

- Preta
- Branca
- Parda
- Indígena
- Amarela

**5 Qual a seu nível de formação (marque apenas uma das alternativas)**

- Mestrando
- Doutorando
- Mestre
- Doutor
- Pós-Doutor

**6 A qual Programa de Pós-Graduação você está vinculado? Marque mais de uma alternativa se necessário. Caso você ministre disciplinas em outro Programa de Pós-Graduação escreva na alternativa “Outros” o programa e a instituição se necessário.**

- UFRGS - PPGCIN
- UFSC - PGCIN
- UFC - PPGCI
- UFRJ - PPGCI
- UFAL - PPGCI
- UNIRIO - PPGB
- UFBA - PPGCI
- UFPE - PPGCI
- UEL - PPGCI

- UFF - PPGCI
- USP - PPGCI
- UNESP - PPGCI
- UNB - PPGCINF
- UFMG - PPGCI
- UFSCAR - PPGCI
- UFPA - PPGCI
- UFPB - PPGCI
- Outro(s). Qual (ais)? \_\_\_\_\_

### **Perguntas sobre sistema de recompensa e produtivismo**

**7 Abaixo temos diferentes formas de reconhecimento acadêmico que podem atribuir prestígio e obtenção de capital científico aos pesquisadores. Utilizando a escala de 1 a 5, assinale de acordo com a sua percepção, o nível de importância dos itens abaixo para atribuição de prestígio e reconhecimento aos pesquisadores:**

- Premiações
- Cargos administrativos
- Participação em eventos como palestrante/avaliador
- Membro de conselho editorial
- Membro de comissão editorial
- Participação como editor de periódico científico
- Participação em bancas de pós-graduação
- Avaliação de projetos de fomento a pesquisa
- Ser citado por outros autores
- Ampliação da popularidade do pesquisador fora da academia (mídias digitais)

**8 Quais as suas maiores motivações para produzir trabalhos acadêmicos? Marque mais de uma opção se necessário.**

- Contribuição para a área
- Submissão a eventos e periódicos
- Possibilidade de ser citado por outros autores
- Progressão na carreira acadêmica
- Reconhecimento acadêmico
- Responsabilidade social
- Permanência em programa de pós-graduação
- Outros \_\_\_\_\_

**9 Na sua percepção, como a lógica produtivista na ciência se articula ao sistema de recompensa acadêmico?**

### **Perguntas em relação a gênero e raça**

**10 No seu entendimento, que elementos preponderam para que as pesquisadoras do sexo feminino sigam em desvantagem em relação ao tempo de dedicação à pesquisa e à quantidade de publicações em relação aos pesquisadores homens?**

**11 Comente se você considera que existam disparidades de gênero e raça no meio acadêmico.**

**12 Em relação às disparidades de gênero e raça, com que frequência elas acontecem no meio acadêmico?**

- com muita frequência
- com pouca frequência
- com nenhuma frequência

**13 Discorra acerca de fatores que, no seu entendimento, se constituem como**

